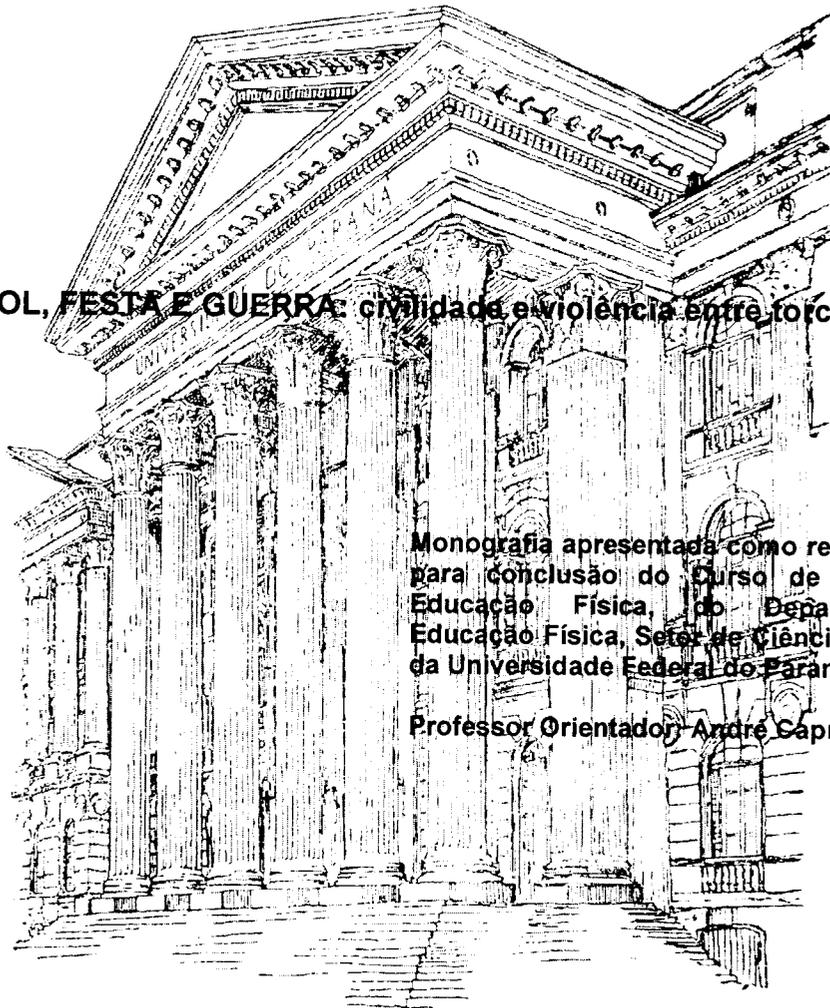


NAIARA RAMAIANA DINIZ BARBOSA

FUTEBOL, FESTA E GUERRA: cidadania e violência entre torcedores



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Professor Orientador: André Capraro.

CURITIBA

2009

NAIARA RAMAIANA DINIZ BARBOSA

FUTEBOL, FESTA E GUERRA: civilidade e violência entre torcedores

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

PROFESSOR ORIENTADOR: ANDRÉ CAPRARO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pessoa mais importante da minha vida, ao meu irmão meu grande alicerce, ao meu pai que de onde estiver torce por mim, a todos os professores e, principalmente, ao Professor André Capraro pela paciência e pelo incentivo à vida acadêmica.

“O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor.”

Nelson Rodrigues

Tua caminhada ainda não terminou...
A realidade te acolhe
dizendo que pela frente
o horizonte da vida necessita
de tuas palavras
e do teu silêncio.

Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e
sonha com tua próxima vitória.
Vitória que todas as armas do mundo
jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz
e não do ressentimento.

É certo que irás encontrar situações
tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre
o lado bom da chuva que cai
e não a faceta do raio que destrói.

Tu és jovem.
Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita
é quase chegar a perfeição.
A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
assim como o leito dos rios
precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.

Não faças do amanhã
o sinónimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
Mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te.

Charles Chaplin

RESUMO

Presente em nossa sociedade e longe de uma solução a violência no esporte, em específico no futebol, não é um fato novo, mas sim algo que vem de um longo período de mudanças sócio-econômicas e comportamentais. Profissionais de diversas áreas não têm medido esforços para refletir, discutir e instigar a curiosidade de todos em torno do assunto. Quando fazemos uma reflexão sobre o tema notamos que a evolução da sociedade repercute diretamente no espetáculo de massas que é o futebol, não como causa e efeito, mas como parte de um processo complexo das relações sociais e suas modificações. Hoje é fato muito comum nos depararmos com notícias que relatam cenas violentas com desfecho dramático e, muitas vezes, com vítimas fatais. Estas cenas são fruto das emoções que tem relação direta com esporte que, por sua vez, é diretamente afetado pelo o ato de civilizar. O ato de civilizar tem ligação direta com o auto-controle o qual assume um papel fundamental para a existência da humanidade. Dentro deste contexto, acredita-se que nível de violência sofreu um caminho curvilíneo acompanhando a evolução da sociedade e, com o envolvimento de agentes externos, o futebol, vive hoje um grande caos consequência dos atos violentos praticados em todos os níveis deste esporte.

Palavras chaves: Futebol, Violência e Sociedade.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	7
1.1 O QUE É VIOLÊNCIA, QUAL A SUA ORIGEM E QUAL SEUS TIPOS DE EXPRESSÃO.....	10
1.1.1 Tipologia	13
1.1.2 Formas de veiculação da violência	16
1.2 OBJETIVOS.....	17
1.3 JUSTIFICATIVA.....	18
2.0 METODOLOGIA	19
3.0 INTRODUÇÃO AO PROCESSO CIVILIZADOR E SUA RELAÇÃO COM OS ESPORTES	21
3.1 FUTEBOL (VIOLÊNCIA) E SUAS ORIGENS	26
3.2 A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA	28
4.0 FESTA E GUERRA	34
4.1 VIOLÊNCIA ENTRE TORCEDORES	37
4.2 CAUSAS DA VIOLÊNCIA.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1.0 INTRODUÇÃO

Peço licença aos leitores para apresentar, aqui, algumas manchetes de Nelson Rodrigues sobre o futebol brasileiro, antes de abordar o assunto escolhido. A intenção não é de vender o discurso do colunista muito menos de colocar em prática a filosofia de “no meu tempo”, induzindo o leitor a acreditar numa paz ilusória, mas sim de apresentar, mesmo que sob a ótica de uma realidade distorcida, o futebol como paixão brasileira, como símbolo nacional.

Aconteceu, então, o seguinte: - foi-se assistir a um jogo e viu-se Garrincha. No fim, já as duas torcidas queriam apenas que Garrincha apanhasse a bola e começasse a fazer as suas delirantes fantasias. Então, aplaudiam nas arquibancadas, cadeiras e gerais, com uma euforia de macacas-de-auditório. Por exemplo: - o meu caso. Estava lá, como pó-de-arroz nato e hereditário, para torcer pela vitória do Fluminense e contra a vitória do Botafogo. Súbito começo a exultar também. Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras-primas despertam (RODRIGUES, 1993)¹.

Quantos puderam assistir ou ouvir pelo rádio a glória do “Rei do Futebol”? Os trechos a seguirem relatam “o” feito histórico, narrado pela literatura e, também, por fontes jornalísticas da época, como a Revista Veja:

O que acho horrível e, sobretudo indesculpável é que alguém vivo ou morto pudesse ficar indiferente à mais linda festa do futebol brasileiro em todos os tempos. Sim, os vivos deviam sair de suas casas e os mortos de suas tumbas. Viva a mulher bonita, que não faltou. Só as feias não apareceram (RODRIGUES, 1993)².

Ao que iam assistir já era História e já era Lenda. Imaginem alguém que fosse testemunha de Waterloo, ou da morte de César, ou sei lá. No ex-Maracanã, fez-se um silêncio ensurdecido que toda a cidade ouviu. No instante do chute, a coxa de Pelé tornou-se plástica, elástica, vital como a anca de cavalo. Mas havia alguém contracenando com ele no quinto ato da batalha. Era o formidável goleiro argentino Andrada. Em qualquer hipótese, ele ia se tornar uma figura histórica: defendendo ou não. E quando Pelé estourou as redes, o Estádio Mário Filho voou pelos ares. Desde Pero Vaz de Caminha, nenhum brasileiro recebera apoteose tamanha. De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco co-autor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Agarrou e beijou a bola. E chorava, o divino crioulo. Cem mil pessoas de pé, aplaudiam como ópera.

¹RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Manchete Esportiva, 19/07/1958. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. O Globo, 21/11/1969 – Santos 2 x 1 Vasco. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Depois, assistimos à volta olímpica. Pelé com a camisa do Vasco. Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros (RODRIGUES, 1993)³.

Pelé já sabia que os repórteres e fotógrafos não permitiriam que ele saboreasse, sózinho e tranqüilo, as alegrias de sua grande festa. Mesmo assim Pelé chorou. Diante de homens e mulheres, muitas crianças, muitos estrangeiros, muita gente que nunca assistira a um jogo num estádio, diante dos microfones de quase todas as emissoras brasileiras de rádio, diante de quase todas as cadeias de TV do país, diante de uma centena de cinegrafistas, Pelé chorou (...)

Pelé, depois do gol número 1000: durante dez minutos, as palmas e os gritos da platéia eufórica (legenda da foto) (Revista Veja, 1969).

O futebol tem um papel fundamental na construção da nossa identidade nacional, bem como, assume seu papel em nossa cultura como uma paixão, um símbolo, afirma Ribeiro (2003) e, assim como o carnaval e o samba é um dos nossos patrimônios culturais (RIBEIRO, 2003.).

“O futebol é o ballet dos pobres”, sentenciou o fotógrafo Sebastião Salgado. Essa feliz expressão do consagrado artista brasileiro se encaixa, perfeitamente, com a percepção que o povo brasileiro, em geral, tem do futebol. De fato, o povo brasileiro enxerga o futebol como a expressão máxima da arte. Futebol Arte, então, seria a marca registrada do nosso futebol, segundo cronistas especializados e a “vox populi”. Mesmo em tempos de escassez dos chamados “craques” em nossos clubes, o desejo de ver e aplaudir o “futebol arte” domina todos os cronistas e bons torcedores (SOUZA, 20[--]).

Ao tratarmos de tal assunto, é impossível não trazermos à tona as emoções envolvidas neste esporte, em especial a violência e, ao contrário do que relatam as manchetes apresentadas, o futebol brasileiro, assim como qualquer outro esporte de competição que envolve força física ou simbólica, há tempos apresenta um crescimento no nível de competição e, conseqüentemente, um aumento na agressividade e rivalidade de um modo geral. O aumento da violência no esporte, em específico no futebol, não é um fato novo, mas sim algo que vem de um longo período de mudanças sócio-econômicas e comportamentais. Assistir a uma final importante de campeonato, com estádio lotado, emocional dos jogadores afetado, não se sabe se presenciaremos um espetáculo ou um grande caos, o qual trás a

³ RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. O Globo, 21/11/1969 – Santos 2 x 1 Vasco. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

tona um grande problema vivenciado por nossa sociedade: a “violência em campo no futebol brasileiro”.

A violência no futebol é um assunto que vem preocupando profissionais da Educação Física, Psicologia, Sociologia, Direito e Jornalismo há anos, e apesar dos esforços em minimizá-la, seu índice continua crescente (BARROSO et al, 2005.). Ao refletirmos sobre o presente tema, nota-se que a evolução da sociedade, em especial em relação aos reflexos no crescimento da hostilidade e confronto entre as classes e grupos tem repercussão no espetáculo de massas que é o futebol, conforme relatos das manchetes, crônicas desportivas, vídeos e estudos acadêmicos pesquisados. Hoje é fato muito comum nos depararmos com notícias que relatam cenas violentas com desfecho dramático e, muitas vezes, com vítimas fatais.

A violência no noticiário e nos estádios de futebol é comum no Brasil. Mas qual o motivo que leva jogadores e torcedores a digladiarem por um resultado; um time? Quando e por que surgiu a violência em jogos? Sempre existiu esta forma de expressão em campo e arquibancadas? A mídia contribui com este tipo de manifestação? Estas perguntas, frente a um fato como o narrado, são feitas, mas ainda não tem uma resposta clara. Internacionalização, comercialização, mudanças no “habitus⁴” da sociedade, globalização⁵, valores financeiros agregados ao jogo, há muitas teorias em volta deste assunto e, a intenção é de discuti-las para enriquecer o acervo de obras sobre o tema abordado.

Tomando como referência estas perguntas, e baseado nesta breve introdução, será apresentada uma retrospectiva do desenvolvimento do futebol na

⁴BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 76-77. “Um sistema de disposições duráveis e transponíveis, dispostas a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e representações, que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los; objetivamente reguladas e regulares, sem ser em nada o produto da obediência às regras e sendo tudo isso coletivamente orquestrado sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.”

⁵GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, trad, de Raul Fiker. São Paulo, Editora Unesp, 1991, p. 69-70. “A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores – tais como dinheiro mundial e mercados de bens – operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.”

sociedade moderna e da mudança de seus hábitos para explicar o “surgimento” de tal fenômeno – a violência esportiva – em específico no futebol.

1.1 O QUE É VIOLÊNCIA, QUAL A SUA ORIGEM E QUAIS OS SEUS TIPOS DE EXPRESSÃO?

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas anteponham limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um outro tipo (ELIAS, 1993, p.270).

Uma pessoa incapaz de controlar qualquer necessidade primária interior ou uma excitação animada por acontecimentos externos não pode harmonizar os impulsos insatisfeitos com as fontes de satisfação, não pode ajustar os afectos às realidades de uma situação e, por esse motivo sofrerá bastante devido à dor, à pressão irresistível dos impulsos espontâneos vindos do seu interior mas orientados para o exterior (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 74).

Emoção é um tema muito abordado por Norbert Elias que, discute e questiona a relação da mesma com a sociedade e seu desenvolvimento. Uma das questões levantadas por este autor é, justamente, aquela que relaciona a emoção e o esporte. De acordo com Barbosa (20[–]), para Elias “(...) o esporte carrega na sua essência a emoção, como um dos componentes integrantes deste fenômeno moderno”. Durante todo o tempo nós temos que nos moldar às mudanças dos padrões sociais, reprimindo e contendo algumas emoções ou liberando outras manifestações que podem ser expressas pela violência. A violência, um dos meios de liberar as tensões e emoções, frequentemente praticada no meio esportivo e, em toda a sociedade, não tem uma definição exata e é discutida por diferentes ciências.

Violência é derivada do latim da palavra violentia, que por sua vez é derivada das palavras vis e violare, e carrega os significados, de acordo com o dicionário Houaiss, de “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. Já no parâmetro jurídico, a definição do mesmo dicionário para o termo é de “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”. A Organização Mundial de Saúde (OMS) utiliza a definição de violência como:

Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG, 2002, p. 05).

Ou seja, de modo geral, podemos definir a violência como uma ação que causa “dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto”⁶ e pode ser expressa através de palavras, uso abusivo ou injusto do poder, uso de força que resulta em ferimento, sofrimento ou morte. Assim sendo,

Enquanto força designa, em sua acepção filosófica, a energia ou ‘firmeza’ de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na ira, que não convence ou busca convencer o outro, simplesmente o agride (GONÇALVES, 2009).

É possível buscar a explicação da violência em diversas causas no entanto, assim como seu significado, as explicações, segundo Gonçalves (2009), “não são absolutas” e variam entre culturas, sociedades, pessoas e gêneros, bem como, são poucos os estudos que provem sua relação com algumas das prováveis causas.

Uma outra dessas tendências não-planejadas de longo prazo é a mudança das normas sociais de comportamento – ou seja, daquilo que é socialmente permitido, exigido e proibido – e a mudança correspondente das estruturas da personalidade, na direção de uma crescente civilização dos sentimentos e dos comportamentos humanos (ELIAS, 2006, p. 224).

De acordo com Boschilla (2008) a violência e suas manifestações assume grande importância nas obras de Norbert Elias, pois este, observa as modificações nos padrões de agressividade apresentados pelas diversas sociedades e assim consegue visualizar avanços ou retrocessos civilizadores através das longas durações.

A violência, segundo Batista (1999), instaura-se na humanidade desde os seus primórdios e basta ler a Bíblia para reconhecer a sua existência relatadas a partir de histórias bíblicas como: a Serpente, Caim, o Dilúvio, a Torre Babel. Estas simbologias “tem valor de arquétipos”⁷ e funcionam como modelos de referências”

⁶ GONÇALVES, Lucia C. *Violência Moral e/ou Psicológica*. Consulta no dia 24 de agosto de 2009 a página da web: <http://www.mundofilosofico.com.br>

⁷ JUNG, GG. *OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO*. Petrópolis: Vozes 2002, 2º edição, p. (53-54). O conceito de arquétipo, que constitui correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos

(DADOON et al, 1998) aos quais fazemos alusão continuamente (BATISTA, 1999). Se continuássemos citando os textos bíblicos chegaríamos a diversos episódios violentos incluindo aquele que é "limite absoluto da violência: Jesus feito homem, morrendo crucificado" (DADOON et al 1998.).

A raça humana é predisposta a violência e, constatamos tal fato a partir da história da humanidade. Extermínio (guerra, genocídio e, massacre) e terrorismo são parte da nossa história e evolução. A primeira violência sofrida pelo ser humano é a expulsão do meio intra-uterino, e:

Em todas as culturas, brincadeiras violentas surgem espontaneamente, especialmente entre meninos, logo depois que as crianças começam a andar, com comportamento agressivo ocorrendo em cerca de metade deles aos dois anos de idade. (HOLDEN, Science, 2000).

Durante toda a vida nós sofremos algum tipo de violência: violência orgânica (pelas transformações do corpo), violência social, violência contra a violência, a morte (violência do tempo imposta a humanidade), etc.

A violência e o poder têm forte ligação e estão relacionados de tal modo que podemos dizer que: "o único problema do poder é a violência e que a finalidade da violência é o poder" (BATISTA, 1999). Ainda, tomando as palavras de Norbert Elias, observamos que "(...) o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas" ELIAS, 1999, p. 81.).

Hobbes resume, de forma clara, que a violência é um artifício efetivo, que não é um instinto primitivo ou irracional assim como não é uma doença. É, na verdade, fruto inevitável das relações sociais:

De modo que na natureza do homem encontramos três causas principais de contenda. Primeira, competição; segunda, deficiência; terceira, glória. A primeira leva os homens a invadir pelo ganho; a segunda, pela insegurança; a terceira, pela reputação. Os primeiros usam da violência para assenhorar-se da pessoa, da esposa, dos filhos e do gado de outros homens; os segundos, para defendê-los; os terceiros, por bagatelas, como uma palavra, um sorriso, uma opinião diferente e qualquer outro sinal de menosprezo,

elas contribuem ao conceito *représentations* collectives de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como "categorias da imaginação" por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais". A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente – não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência.

seja direto em suas pessoas ou, por reflexo, em seus parentes, amigos, nação, profissão ou nome (HOBBS, 1999, cap. XIII, p. 75).

E, segundo Pinker:

A análise de Hobbes mostra que a violência não é um impulso primitivo e irracional, tampouco uma "patologia. Em vez disso, ela é o resultado quase inevitável da dinâmica dos organismos sociais racionais movidos pelo auto-interesse (PINKER, 2004).

Se a violência é fruto inevitável das relações sociais devemos concentrar nossos esforços em aprender e ensinar a controlá-la, de forma que possamos conviver de forma mais branda com este tipo de manifestação de sentimento.

1.1.1 Tipologia

Johan Galtung define violência como:

(...) todo ataque evitável contra as necessidades humanas básicas e contra a vida em geral. Por meio da violência as possibilidades de satisfação das necessidades são minimizadas e mantidas sob pressão em um baixo nível. Como violência contam também as ameaças de violência (GALTUNG, 1997:913).

Embora a forma mais evidente de violência seja a agressão física, este comportamento pode ser expresso em diversas maneiras, bem como, pode ser caracterizado através de suas variações: intensidade, instantaneidade e perenidade. Podemos estudar a violência por vários ângulos mas, nenhuma das tipologias aborda a violência de forma que consiga "tratar este fenômeno multifacetado em sua totalidade"(LIRA, 2004). A partir dos referenciais encontrados tomamos como parâmetro a definição da OMS⁸, que é usado por vários estudiosos, e classifica a violência, pautada "nas formas e circunstâncias do ato violento, em três categorias (LIRA, 2004): "a) violência dirigida pela pessoa e contra si mesmo: auto-inflingida; b) violência nas relações: interpessoal; c) violência no âmbito da sociedade: coletiva."

⁸KRUG, E. et al. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília: OMS/OPAS/UNPD, 2002. "Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (KRUG, 2002, p. 05).

(MINAYO, 2004). De acordo com a autora Maria Cecília de Souza Minayo, a definição das tipologias são:

Por violência auto inflingida se entendem os comportamentos suicidas e os auto-abusos. No primeiro caso, a tipologia contempla suicídio, ideação suicida e tentativas de suicídio. O conceito de auto-abuso nomeia as agressões a si próprio e as automutilações.

As violências interpessoais são classificadas em dois âmbitos: o intrafamiliar e o comunitário. Por violência intrafamiliar se entende a que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família... (...). A violência comunitária é definida como aquela que ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos e desconhecidos. (...)

Em violências coletivas se classificam os atos que causam danos, lesões e mortes, e que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos, caracterizando a dominação de grupos e do Estado. (...)

A classificação criada pela Organização Mundial de Saúde inclui, ainda, outra forma de violência: a violência estrutural, definida por Minayo (2004), como:

(...) processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem e cronificam a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero, de etnia e mantêm o domínio adultocêntrico sobre crianças e adolescentes. Difícil de ser quantificada, aparentemente sem sujeitos, a violência estrutural se perpetua nos processos históricos, se repete e se naturaliza na cultura e é responsável por privilégios e formas de dominação. A maioria dos tipos de violência citados tem sua base na violência estrutural.

Assim como há uma divisão para os tipos de violência, há também uma classificação quanto à natureza destes atos violentos e baseado na definição da OMS, podemos relacioná-las como:

- Abuso Físico;
- Abuso Psicológico;
- Abuso Sexual;
- Negligência/Abandono.

As classificações acima, são definidas por Minayo et al (2004), como:

O termo abuso físico significa o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem. A categoria abuso psicológico nomeia agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social. A classificação abuso sexual diz respeito ao ato ou ao jogo sexual que

ocorre nas relações hétero ou homossexual e visa estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. Por negligência ou abandono se entende a ausência, a recusa ou a deserção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados.

Através do organograma a seguir, é possível observar melhor as divisões de categorias, subcategorias e as classificações quanto a natureza da violência:

Gráfico 1
Tipologia da violência.

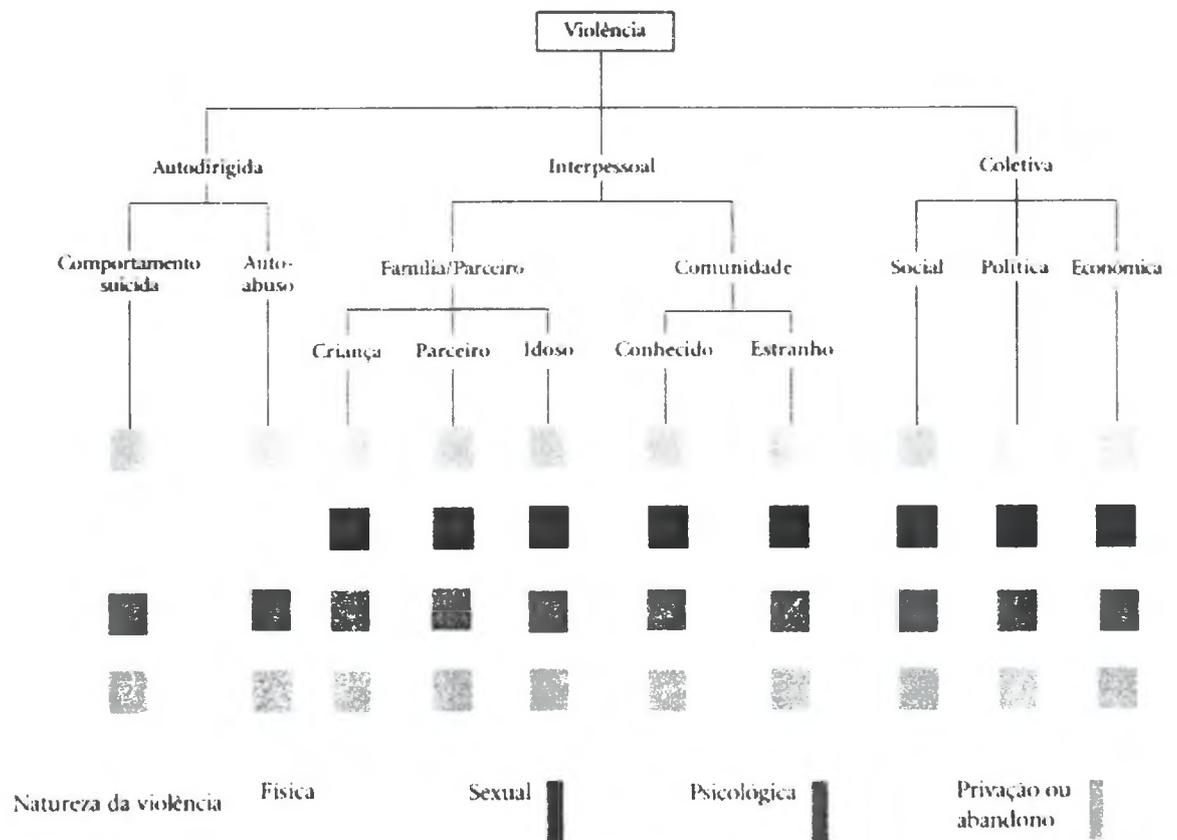


Figura 1⁹: Retirado da fonte: Scielo Brasil – Artigo: Violência: um problema global de saúde pública

⁹A série horizontal na ilustração indica quem é atingido, e a vertical descreve como a vítima é atingida.

1.1.2 Formas de veiculação da violência

Da mesma forma que a invenção da imprensa em meados do século XV modificou a sociedade e a história, o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, ao longo do século XX, está alterando a forma como vivemos e a forma como as crianças aprendem a passar o tempo (GOMES; GOMES, 2002, op cit, p. 8).

A representação da violência é rica e variada e pode ser (ou já foi) veiculada de maneiras diversas, como as citadas a seguir:

- Literatura;
- Cinema;
- Televisão;
- Rádio;
- Música;
- Internet;
- Bíblia: ao lado de exemplos de virtude, há desde assassinatos e estupros até periódicas demonstrações de ira;
- E, por fim, violência nos esportes: entre atletas e torcedores de determinadas categorias.

Apesar da divisão da representação da violência em categorias, podemos dizer que elas podem acontecer ou, até mesmo, acontecem ao mesmo tempo como, por exemplo, a violência esportiva que pode ser retratada a partir da literatura, televisão (simultaneamente), rádio (simultaneamente), etc.

Culturas consistem em processos de comunicação. E todas as formas de comunicação, como Roland Barthes e Jean Baudrillard nos ensinaram há muitos anos são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto, não há separação entre "realidade" e representação simbólica. Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual (CASTELLS, 2003, p.459).

A proposta desta monografia é de concentrar a atenção nos estudos que dizem respeito à representação da violência nos esportes, suas variadas formas de

veiculação e variadas formas de exploração sobre o assunto. O autor Barroso et al afirma que:

(...) nenhum campo social dá uma importância tão grande ao confronto físico como o esporte competitivo. Atletas se valem dos mais diversos recursos, inclusive machucar intencionalmente seus companheiros de profissão com o objetivo de ganhar ou ter sucesso. (BARROSO et al, 2005, p. 65).

E vai além ao dizer que:

Nota-se a gravidade da questão da violência no esporte quando nos damos conta de que ela faz parte da própria situação, ou seja, não se trata de algo esporádico, mas, em certos casos, de uma forma de promoção do espetáculo esportivo (BARROSO et al, 2005, p. 65).

Compreender esta forma de expressão individual e/ou coletiva, buscar uma explicação para tais atos são indispensáveis já que, em síntese, a violência produzida nesta categoria (como em todas as outras) é parte do retrato do cotidiano dos grandes centros urbanos na sociedade brasileira contemporânea (não é exclusivo da sociedade brasileira), como reflexo de mudanças estruturais, políticas, sociais, culturais ou seja, reflexo de toda mudança que altere e transforme a sociedade e seus costumes e conceitos.

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo de, a partir uma revisão de literatura, realizar uma retrospectiva histórica para diagnosticar as relações existentes entre o futebol e alguns de seus agentes com as manifestações de violência presentes neste esporte.

Baseado nesta temática haverá uma exposição das questões acerca do tema, como por exemplo: motivos que levam jogadores e torcedores a se "confrontarem"; por que há práticas de violência em jogos, esta forma de expressão sempre esteve presente no futebol, qual a verdadeira contribuição da mídia? - com o intuito de explicar os porquês da existência da violência na sociedade e como este problema se instalou no esporte em questão.

1.3 JUSTIFICATIVA

O despertar para tal tema surgiu a partir do interesse pelo estudo do comportamento violento, que não é um fato novo em nosso cotidiano e tem sofrido alterações com a “evolução” da sociedade. Vários fatores, além do “desenvolvimento da história” são responsáveis pela realidade violenta na qual vivemos, porém, ainda existem muitas brechas a serem preenchidas sobre a causa do mesmo. Brechas relacionadas com a escassez de produções acerca do tema, bem como, com o não entendimento das diferentes áreas que abordam tal assunto.

O interesse pelo comportamento violento, por sua vez, instigou a perceber e estudar a violência e o futebol, os quais têm uma ligação muito forte e são temas importantes ao cotidiano da mídia, a qual veicula os significados de tais ações ao público. Nos últimos anos têm crescido muito o debate em torno destes assuntos, tornando difícil não posicionar-se a respeito. Entender este fenômeno, discutir suas conseqüências e levantar novas questões sobre este processo são de extrema importância para contribuir com a produção acadêmica e incitar novas discussões, que, possam enriquecer mais o acervo de obras sobre o decorrente tema e despertar interesses em futuros aprofundamentos. Não há a pretensão, no entanto, com esta obra de chegar a uma resposta absoluta sobre os problemas vivenciados no futebol, mas sim, uma tentativa de tornar claro alguns fatores que contribuem com esse desequilíbrio emocional que, muitas vezes estão relacionados com o desenvolvimento social do país.

A grande admiração pelas obras de Norbert Elias, bem como o interesse despertado nas aulas de História da Educação Física, ministrada pelo professor Fernando Mezzadri, e nas aulas de Esporte, Lazer e Sociedade, ministrada pelo professor André Capraro, acerca do assunto da violência também justificam o objeto do estudo escolhido.

2.0 METODOLOGIA

Sou, por meu gosto, pesquisador. Experimento toda a sede de conhecer e a ávida inquietude de progredir, do mesmo modo que a satisfação que toda aquisição proporciona.

Immanuel Kant (1689-1755)

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, baseado em material já existente, constituído principalmente de artigos científicos e livros. Para Gil (1994, p. 1): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Não podemos confundir pesquisa bibliográfica com pesquisa documental, pois aquela obtém-se de informações através produções editadas por vários autores, enquanto esta tem as informações coletadas a partir de documentos que ainda não receberam tratamento analítico:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 1994, p. 73).

Embora quase todos os estudos necessitem de algum tipo de trabalho desta natureza, algumas pesquisas desenvolvidas podem ser feitas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Pesquisas, como este estudo, que propõem uma análise dos problemas que envolvem uma temática, também costumam ser desenvolvidas exclusivamente a partir destas fontes.

As fontes bibliográficas são inúmeras e são classificadas por Gil (1994) como: livros - de leitura corrente (abrangem as obras referentes a diversos gêneros literários e as obras de divulgação), de referência (também denominados como livro de consulta como: dicionários, enciclopédias, anuários, almanaques); publicações periódicas - através de jornais e revistas; impressos diversos e documentos eletrônicos.

Este estilo de pesquisa permite contato direto com as obras que retratam o assunto proporcionando, assim, uma cobertura de fatos muito mais ampla. Portanto, o pesquisador terá um maior aprofundamento sobre o tema podendo, então, identificar e analisar os fatos cuidadosamente.

Esta obra conta com apoio de livros, publicações periódicas (jornais e revistas) e artigos acadêmicos produzidos sobre o tema abordado, e, tem como finalidade tornar claro o fenômeno da violência no futebol a partir de uma análise histórica e, tendo como referencial o autor Norbert Elias, contribuir com uma produção acadêmica sobre a prática do comportamento violento neste esporte.

3.0 INTRODUÇÃO AO PROCESSO CIVILIZADOR E SUA RELAÇÃO COM OS ESPORTES

(...) Elias é um humanista que detesta a violência e que o seu interesse constante pelas relações entre violência e civilização não é só acadêmico ou intelectual. Para ser mais exato, surge pelo menos em parte, da sua experiência na Alemanha, na década de 1920 e inícios de 1930, do fato de sua mãe ter morrido em Auschwitz e do seu exílio, primeiro na França e mais tarde em Inglaterra. O que significa que o seu interesse sociológico pela violência – em todas as suas formas e manifestações – radica num profundo desejo de alargar o conhecimento sobre as suas raízes sociais e psicológicas, na esperança de que essa compreensão ajude as pessoas a conciliar suas vidas – os seus padrões de vida em comum – segundo formas que lhes permitam evitar toda espécie de tragédias violentas com que a humanidade tem sido particularmente afetada (DUNNING, 1992, p. 20)

(...) a civilização procura cada vez mais controlar a violência física em função do incessante interesse em pacificar as relações humanas. Todavia, esse movimento da civilização é um fenómeno não-planejado, casual, fruto de um processo que não podemos datar e muito menos prever um ponto final desse desenvolvimento das relações sociais, enfim, a teoria de Elias sugere que o processo civilizador é interminável. (SIMÕES, 19[--])

Norbert Elias, na tentativa de definir o termo civilização, conclui que “qualquer ato e comportamento da sociedade humana pode ser julgado como “civilizado” ou “não-civilizado”, uma vez que tal definição é uma tarefa difícil, senão impossível” (SALLES FILHO, 20[--]). Eric Dunning (1996) afirma que Elias prossegue ao dizer que, é fácil especificar a função do termo que nasce com função de expressar a auto-imagem das mais poderosas nações ocidentais e, atinge um sentido racista e diminutivo, não só em relação àqueles que são chamadas de sociedades primitivas ou bárbaras, mas também, em relação a sociedades menos avançadas, ou seja, menos poderosas.

O autor também aborda e introduz o conceito de sociedade que acredita ser “(...) uma formação social onde se definem de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e onde as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engendram códigos e comportamentos originais” (CHARTIER, 1990).

O processo civilizador, de acordo com Elias (2002) tem seu início nos primórdios da humanidade, continua com muitos retrocessos, sem perspectivas de fim e, é constituído em uma aprendizagem involuntária para os indivíduos. Ele

afirma, ainda, que é impossível, definir um marco zero de civilização (completa incivilidade) como, também, é quase que inatingível o pico máximo de civilização.

“Não há nenhuma sociedade, nem indivíduos de quem a pessoa poderia dizer: “Eles são civilizados”. Existem, contudo, critérios tangíveis pelos quais se pode verificar que algumas sociedades tornaram-se mais civilizadas, em certos aspectos, do que eram alguns séculos antes. O processo civilizador pode ser demonstrado, inequivocamente, com a ajuda de comparações sistemáticas, tanto entre estágios de uma mesma sociedade quanto entre sociedades distintas. No entanto, concebida como um estado, a civilização é, no máximo, um ideal. (ELIAS, 2002, p.37).

Elias diz que é um processo resultado da interdependência. “A civilização não é ‘razoável’, nem ‘racional’, como também não é ‘irracional’ (SALLES FILHO, 20[--]). Ainda, de acordo com Salles [20--], o processo civilizador é colocado em movimento e mantido em movimento, pela dinâmica das relações, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver.

“As pessoas do século XX são, com freqüência, implicitamente propensas a ver-se e a ver sua época como se os seus padrões de civilização e racionalidade estivessem muito além do barbarismo de antes e o das sociedades menos desenvolvidas de hoje. Apesar de todas as dúvidas que envolveram a crença no progresso, a imagem que essas pessoas têm de si mesmas permanece impregnada por tal crença. Entretanto seus sentimentos são contraditórios, um misto de auto-amor e de auto-ódio, de orgulho e de desespero – orgulho na extraordinária capacidade para as descobertas e as iniciativas audaciosas de sua época, e para os progressos humanizadores a que ela vem assistindo, desespero a respeito de suas próprias e irracionais barbaridades” (ELIAS, 1997:271).

O processo civilizador constitui-se, então, como um movimento inacabado, pois freqüentemente a sociedade está exposta e sofrendo transformações culturais, avançando ou retraindo, comparado aos padrões adquiridos. Um claro exemplo deste movimento de transformações culturais é a Revolução Industrial que, conforme colocam Elias e Dunning (1992), possibilitou a percepção das modificações nas condutas que foram estendidas a outros espaços da vida social, como por exemplo, as atividades praticadas em clubes, durante o tempo livre, pelos políticos e aristocratas. Estas modificações abriram, então, a possibilidade de uma relação entre a regulamentação dos esportes e as transformações políticas, não como causa e efeito, mas como parte de um processo complexo de modificações dos padrões sociais.

O ponto central da teoria do processo civilizador, de acordo com Dunning, é formado por: aprimoramento das práticas, condutas, e modos de agir e comunicar, conforme a citação abaixo:

(...) entre a Idade Média e os tempos modernos, foi produzido nas sociedades da Europa ocidental um refinamento mais ou menos contínuo dos modos e padrões sociais, somado a um aumento da pressão social sobre as pessoas para que exerçam um auto-controle mais estrito, previsível e contínuo de seus sentimentos e condutas (DUNNING, [19--], p. 85)¹⁰.

O ato de “civilizar” tem ligação direta com a aquisição de autocontrole, fator determinante para a existência dentro de uma sociedade que, “(...) sem isto um indivíduo está, irresistivelmente, à mercê da oscilação de seus próprios desejos, paixões e emoções que, sem o controle do ego, demanda satisfação imediata e causa dor, quando estes permanecem insatisfeitos” (PAGANI; 2006). Podemos tomar como exemplo de civilizar, o futebol e seu processo de formação de regras que possibilitou sua entrada em várias localidades e culturas, porém, de forma padronizada. Este processo tem grande importância civilizacional, pois, permitiu a troca de violência corporal por punições sancionadas por um elemento neutro e refere-se a penas relativas ao âmbito esportivo. De acordo com Toledo (2002, p. 45):

As regras fazem parte de um processo crescente de disciplina e adestramento corporal, social e moral pelo qual se passou de um aglomerado de indivíduos espalhados correndo atrás de objetos nem sempre esféricos, o modo como se praticavam algumas atividades lúdicas que lembram futebol anteriores ao último quartel do século XIX pelos países da Europa, para uma configuração cujas sensibilidades paulatinamente apelaram para a estabilidade e ordenação pautadas por um ponto de vista normativo na observância de certos constrangimentos sociais previamente acordados.

Como elemento do processo de civilização, o controle da “força física”¹¹ irá atuar sobre o indivíduo como um meio de controlar suas emoções. Elias afirma que

¹⁰ Tradução livre do espanhol de Bruno Boschilia. No original: (...) entre La Edad Media y los tiempos modernos, se ha producido em las sociedades de Europa occidental um refinamiento más o menos contínuo de los modales y estándares sociales, unido a um incremento de la presión social sobre las personas para que ejerzan um más estricto, previsible y contínuo auto-control de sus sentimientos (DUNNING, [19--], p. 85).

¹¹ Carlos da Fonseca Brandão afirma em sua obra que: “Nesse momento Elias se aproxima da teoria weberiana do monopólio da força física, que afirma que o “Estado é uma associação que pretende o monopólio do uso legítimo da violência, e não pode ser definido de outra forma” (Weber, 1974, p. 250, *itálicos no original*). Ao passo que para Max Weber, tanto o monopólio da tributação como o

este controle atua de maneira ímpar na formação do indivíduo na medida em que o encaixa dentro das exigências e proibições sociais.

Uma outra dessas tendências não-planejadas de longo prazo é a mudança das normas sociais de comportamento – ou seja, daquilo que é socialmente permitido, exigido e proibido – e a mudança correspondente das estruturas sociais da personalidade, na direção de uma crescente civilização dos sentimentos e dos comportamentos humanos (ELIAS, 2006, p. 224).

E, baseados em Boschillia (2008), podemos acrescentar que:

No momento em que se afirma que uma sociedade torna-se mais civilizada no que se refere às condutas violentas e agressivas, os sentimentos e condutas dos indivíduos, tornam-se mais sensíveis e repugnantes a determinadas condutas socialmente aceita pelos antepassados (BOSCHILIA, 2008, p. 41).

Esse parece ser o preço da civilização em que corpo deve alcançar um autocontrole cada vez maior para que o indivíduo melhor se adeque às funções no tecido social. O padrão de autocontrole em um indivíduo, forma como lida com seus sentimentos e como convive com outras pessoas, não segue um padrão definido dentro do desenvolvimento da humanidade. Conforme a citação a seguir:

Processos civilizadores e de “decivilizadores” em uma sociedade podem acontecer em sucessão variada. Em um determinado momento, eles podem compensar um ao outro, ou um deles pode prevalecer. Até aqui, numa perspectiva de longo prazo, as mudanças civilizadoras têm sido dominantes no desenvolvimento da humanidade. (PAGANI; PILATTI, 2006).

No século XIX, por exemplo, pautado na idéia da citação acima, o futebol passa de jogos com alto índice de violência para níveis cada vez mais elevados de organização e reduzidos de agressões e ferimentos, conseqüentemente, estas alterações geram novas possibilidades de sociabilidade e integração entre os participantes.

Mesmo não possuindo uma forma homogênea e retilínea, o processo de civilização possui uma direção específica perceptível, apenas, “quando utilizamos

monopólio da força física caminham para o que ele chama de “racionalização burocrática”, dentro de um Estado já constituído (Cf. Giddens, 1994, p. 245- 46, p. 313), para Elias esses dois tipos de monopólios são os principais elementos constitutivos do processo de formação dos Estados nacionais. Por outro lado, no livro Introdução à sociologia, Elias deixa claro que não concorda com a teoria weberiana da “racionalização burocrática” como melhor a forma de organização da sociedade moderna. A burocracia a sociedade atual somente é mais racional quando comparada com as formas de organização das sociedades precedentes (Cf. Elias, 1980, p. 33).”

como método de análise histórica e sociológica, a observação de dados empíricos presentes num grande espaço temporal, numa perspectiva de longa duração¹²” (BRANDÃO, 2001, p. 109). Os rumos tomados pelo futebol dentro da sociedade Inglesa durante a Revolução Industrial, por exemplo, não representava somente os interesses futebolistas, mas sim, toda a estrutura social inglesa e seu longo processo de mudanças. Ou seja, “cada regra e sua posterior mudança, assim como as transformações no modo de jogar, não resultaram de decisões arbitrárias de poucas pessoas, eram expressões condensadas em outro registro de eventos significativos da Inglaterra contemporânea” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.29).

(...) do período mais remoto da história Ocidental até os nossos dias, as funções sociais, sob pressão da competição, tornaram-se cada vez mais diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornavam, mais crescia o número de funções e, assim de pessoas das quais o indivíduo constantemente dependia em todas suas ações, desde as simples e comuns até as complexas e raras (ELIAS, 1993, p. 196).

Em relação ao controle dos impulsos e das paixões, Elias considera que não há sociedade que possa sobreviver sem que este controle não esteja internalizado nos indivíduos participantes da rede social, “na forma de autocontrole (superego), e na sociedade, na forma de códigos de conduta e de padrões de comportamentos (controle social).” (BRANDÃO, 2001, p. 109).

Esse parece ser o preço da civilização, em que o corpo deve alcançar um autocontrole cada vez maior para melhor se adequar às funções no tecido social. O pensamento racional que faz o intelecto prevalecer sobre o físico e, a divisão do trabalho, interferindo nas relações entre as pessoas, nos faz perceber que na verdade o corpo parece ter recebido uma influência marcante do “pensamento civilizador”, que é absorvido de formas diversas por sociedades e grupos distintos, contudo, preservando uma certa lógica, apoiada nos princípios de produtividade e eficiência, observando sempre o progresso da civilização (SALLES FILHO, 20[--]).

Tais controles são respostas a constante relação entre a “estrutura social e a estrutura da personalidade, do ser individual”, afirma ELIAS (1994) e:

¹² Carlos da Fonseca Brandão refere-se, em sua obra, sobre longa duração como: “A perspectiva da longa duração é fundamental no pensamento de Elias, o qual acredita que algumas transformações sociais só podem acontecer “quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações”, e que o cientista social - um cientista especializado, para Elias - deve ser o “encarregado de investigar os processos sociais de longo curso” (Elias, 1980, p. 21; p. 53).

Mudanças desse tipo, porém, não se "originam" numa classe ou outra, mas surgem, sim, em conjunto com as tensões entre diferentes grupos funcionais no campo social e entre as pessoas que competem dentro deles. Sob a pressão de tensões desse tipo, que saturam todo o tecido da sociedade, toda a estrutura desta última muda, numa fase dada, na direção de uma crescente centralização de domínios específicos, de uma maior especialização, e de uma integração mais estreita dos indivíduos isolados no seu interior. Com essa transformação de todo o campo social, a estrutura das funções sociais e psicológicas muda também - inicialmente em setores pequenos e, mais tarde, cada vez maiores - no rumo da racionalização (ELIAS, 1990, p.240).

3.1 FUTEBOL (VIOLÊNCIA) E SUAS ORIGENS

O futebol, antes de surgir como esporte moderno representado, ainda, como jogo, sofreu inúmeras tentativas de proibições que não alcançaram o objetivo de evitar sua popularização. De acordo com Barroso (2005), a forma embrionária do Futebol foi proibida em Manchester em 1608, pois seu modo de prática causou grande quantidade de danos às propriedades. Ainda, de acordo com Barroso (2005), esta modalidade continuaria violenta por 500 anos, até meados do século XVII, quando modificações foram introduzidas nos regulamentos para tentar reduzir a prática da violência neste jogo. Conforme a citação do mesmo autor, podemos dizer que:

Para Elias e Dunning, contudo, esse decréscimo trazia um perigo, pois o jogo poderia perder a emoção. O segredo estaria em "civilizar" a prática, promovendo um elevado nível de disputa não violenta e estabelecendo um equilíbrio que, acredita Betti, o Futebol tem conseguido manter historicamente. As grandes mudanças só viriam no princípio do século XIX, nas famosas universidades e escolas públicas inglesas, instituições de ensino voltadas para a elite burguesa da época e sem o mesmo cunho estatal de nossas escolas públicas. (ibid, p. 67).

O futebol moderno surgiu no século XIX e começou a ser praticado durante os horários livres, pelos alunos das escolas da aristocracia e da alta burguesia inglesa. Sua prática neste ambiente, associado às profundas modificações políticas da época na Inglaterra, foi fundamental no desenvolvimento do futebol como esporte moderno.

Inicialmente, o futebol foi reprimido dentro dos espaços educacionais, porém, assim como no passado, a repressão foi em vão o que levou a decisão de manter a

modalidade, no entanto, de forma regulamentada, padronizada a fim de determinar o que era ou não permitido.

Finalmente, em 1823, nasceu o football moderno, a partir do hurling e do rugby. Em 1848, houve uma primeira tentativa de unificação de regras entre as universidades de Cambridge, Harrow, Westminster, Winchester e Elton. Na época, eram 14 regras; depois, surgiram o impedimento, o árbitro, o goleiro como único jogador autorizado a utilizar as mãos, o arremesso lateral, escanteio, pênalti e a troca de lado na metade do tempo (antes, trocava-se após cada gol). Somente em 1863 as universidades realmente uniformizaram regras, justamente quando ficou proibido derrubar o adversário, bem como passar rasteiras ou chutar canelas - antes disso, era permitido chutar a perna do oponente do joelho para baixo. No dia 26 de outubro daquele ano, onze clubes e escolas de Londres se reuniram na Freemason's Tavern (Taverna Maçom), iniciaram discussões e estipularam regras que, oficialmente a 8 de dezembro, marcaram em definitivo a cisão entre o Futebol e Rúgbi, modalidade que optou por permitir embates mais truculentos.

A partir daí, o esporte se espalhou pelo mundo. Também em 1867, a América do Sul ganha seu primeiro clube, o Buenos Aires Football Club; em 1883, é fundada a International Football Association Board, com a finalidade de uniformizar as regras, que, conforme Betti, pouco mudaram do século XIX até hoje, o que facilita o estudo da violência desse esporte ao longo dos tempos.

Em 21/05/1904, surge a FIFA¹³ e, através dela, comprova-se a meteórica ascensão da popularidade do Futebol: hoje, a entidade possui mais associados que a ONU¹⁴.

Mesmo com a uniformização de regras e o surgimento da FIFA, a História mostra que o Futebol não conseguiu se livrar da mácula da violência: seja em eventos como a famosa "Batalha de Berna", na Copa de 1954, quando jogadores das seleções brasileira e húngara tiveram bem mais contato do que as regras do International Board permitem; seja na "Batalha de Santiago", entre Itália e Chile em 1962, outro exemplo de violência em campo. (BARROSO et al., p. 67-68)

Mesmo assim, no entanto, com criação da FIFA, de regras, padronização, o problema da violência vivido, ainda, na versão "não civilizada" de jogo, persiste, também, na elite do futebol mundial bem como os problemas gerados pela agressividade¹⁵. Foi justamente devido a um incidente ocorrido durante uma Copa do Mundo - a da Inglaterra, em 1966 -, que surgiram cartões amarelo e vermelho (BARROSO et al, 2005).

Dos anos 60 para cá, uma série de medidas tomadas pela FIFA e o International Board, como, por exemplo, o incentivo ao fair play (jogo limpo), visaram a redução do problema. Na Copa do Mundo de 1990, por exemplo, a entidade máxima do Futebol mundial tomou diversas medidas para coibir

¹³ Fédération Internationale de Football Association.

¹⁴ Organização das Nações Unidas.

¹⁵ Violência se distingue de agressão de acordo com CAGIGAL (1990, p. 20) que diz que: No toda agresividad es violenta; toda violencia, sin embargo, es agresiva, es originada por la agresividad.

a violência, entre elas multas em dinheiro para jogadores punidos com cartão e (nova) recomendação para que os árbitros punissem com rigor as jogadas desleais. Contudo, há fortes indícios de que não basta apenas mudar as regras do jogo e fazer com que estas sejam cumpridas rigorosamente: após essa importante (e ainda aguardada) intervenção externa ao jogador, faz-se necessário trabalhar internamente com ele, através do treinamento psicológico e da exigência disciplinar por parte da comissão técnica (ibid, p. 69).

De acordo com Boschilia (2008), as transformações impostas ao futebol, que evoluiu de sua formação inicial de jogo popular até a configuração atual como esporte contemporâneo, levaram, e ainda levam diversas intervenções e tentativas de redução dos níveis de violência, aplicação de autocontroles, órgãos e agentes externos controladores punitivos, e outras mudanças estruturais. Ou seja, a efetivação das regras ocorre como forma de coibir atitudes violentas no esporte, bem como, as modificações nas condutas, reflexo da Revolução Industrial, que “foram estendidas a outros espaços da vida social” (BOSCHILIA, 2008). Sendo assim, podemos, baseados em Ribeiro, concluir que:

O futebol, como toda prática social, encontra-se de tal modo imbricado com a sociedade que tomá-lo como objeto de estudo implica em se abrir para possibilidades imensas de abordagens. (...). Ou seja, o futebol só pode ser abordado na sua complexidade se o compreendermos como um fenômeno social e historicamente produzido (RIBEIRO, 2004).

3.2 A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Elias acredita que a desportivização dos jogos populares está intimamente ligada à industrialização e urbanização da sociedade: quanto mais esta precisa de regras e autocontrole para se organizar e progredir, o mesmo processo se dá com o aproveitamento de tempo livre. Nos séculos XVIII e XIX, os jogos desportivos atingiram um nível de ordem e disciplina nunca atingidos até então, e as regras estipuladas definiam os limites da violência autorizada, inclusive se a força física pode ser totalmente aplicada. Para ele, é difícil acreditar que seja mera coincidência o fato de que os passatempos violentos e pouco regulamentados dos proprietários de terras ingleses tenham ficado menos violentos e mais disciplinados justamente na época em que essa classe social renunciou à agressividade em termos políticos para promover uma rotação de poder benéfica à toda elite no Parlamento Inglês. (BARROSO et al., p. 70)

Difícilmente existe algum lugar que, em se tratando de prática de futebol, não tenha ocorrido algum tipo de desordem, agressão física e violência em campo. Na verdade, desde que surgiu no século XIX, o futebol, tem sido pano de fundo para cenas de acessos violentos, o que prova que este não é problema novo frente ao

fenômeno social. Acredita-se que esta forma de expressão em jogos seguiu um caminho curvilíneo que em, aproximadamente 1894, apresentava alto índice de disciplina e ordem, mantido nos períodos entre guerras e sofreu inversão de padrões em, aproximadamente, 1960.

No futebol sempre esteve presente uma certa dose de violência, tanto no terreno de jogo como entre os torcedores. O futebol foi criado sob valores de masculinidade, valores exacerbados de virilidade, força e sobrepujança. Porém. Isso teve início na segunda metade do século XIX no continente europeu, precisamente na Inglaterra. (REIS, 2006, p. 14).

Nas três décadas que antecederam a primeira Guerra Mundial a sociedade se apresentava em um “processo de civilização” e, Norbert Elias¹⁶ (1993) descreve o Estado moderno como detentor do papel central, pelo menos desde o século XVIII, entre os países ocidentais mais industrializados, à pacificação dos costumes e à criação duradoura de espaços não violentos possibilitando a convivência social.

Os atritos entre classes eram fatos comuns ao cotidiano das pessoas já que, o ambiente em que elas viviam se encontrava em transição. As mudanças que aconteciam naquele momento estavam reestruturando toda a base da sociedade na qual a formação social estava apoiada. As pessoas começavam a sair do interior em direção à cidade tornando, assim, este ambiente antes pouco povoado, em um centro industrial. Londres chegou ao milhão de habitantes em 1800, por exemplo. O progresso deslocou-se para o norte; centros como Manchester abrigavam massas de trabalhadores, em condições miseráveis (Weinberg, 1997).

Tal como os processos civilizatórios anteriores, a tecnologia da Revolução Industrial não se expande como uma difusão de novos conhecimentos livremente adotáveis, mas como uma reordenação de povos que, situando os pioneiros da industrialização em posição superior de domínio e riqueza, conduzia todos os demais à subordinação dentro de vastos complexos de nações dependentes e exploradas. O novo processo civilizatório tem de peculiar a circunstância de que, desde os primeiros passos, ainda marcadamente mercantis, estrutura-se como um sistema econômico efetivamente universal, com extraordinário poder de atualização histórica, que progressivamente atingiria todos os povos da Terra, envolvendo cada nação e até mesmo cada indivíduo em suas formas compulsórias de integração. Os povos atrasados na história, que haviam escapado às compulsões da Revolução Mercantil, seriam, assim, atingidos, onde quer que vissem, e chamados a engajar-se na nova ordem econômica e social,

¹⁶No livro “A Busca da Excitação”, CAP. IX, em que Eric Dunning escreve: Antes da Primeira Guerra Mundial, a sociedade britânica conservava-se, de acordo com as idéias de Elias, num estágio do seu “processo de civilização”.

como "proletariados externos" provedores de matérias-primas agrícolas e de minérios e consumidores de produtos industriais. (RIBEIRO, 1998, p. 191).

Com estas mudanças as classes adversárias começaram a se enfrentar em manifestações de violência e barbárie. Esse confronto era consequência das diferenças civis existentes na época, que servia de estopim para as grandes cenas de horror que se sucederam neste período. Essa realidade que cercava as relações sociais refletia diretamente sobre o comportamento das multidões e, conseqüentemente, refletia sobre as relações do esporte que servia como forma de liberar as tensões.

Nota-se, no entanto, que a partir da Primeira Guerra Mundial o índice de violência cai reflexo da progressiva integração social das classes mais baixas e, conforme afirma Lowy (2000):

A Primeira Guerra Mundial inaugurou esse novo estágio da barbárie¹⁷ civilizada. Dois autores, os primeiros, soaram o sinal de alarme, em 1914-15: Rosa Luxemburgo e Franz Kafka. Apesar de suas evidentes diferenças, eles têm em comum o facto de terem tido a intuição – cada um à sua maneira – de que alguma coisa sem precedente estava para se constituir no curso daquela guerra.

Este é o período marcado pelo aumento da riqueza, da força dos sindicatos e da mulher. O aumento da riqueza, principalmente do Estado, contribui com a criação de novos setores e oportunidades que permitem integração de classes, inclusive, inserindo maior número de pessoas em áreas habitadas, cada vez maiores, que "em dependência recíproca, exigiu e instilou maior contenção no indivíduo, controle mais rigoroso de suas paixões e conduta, e determinou uma regulação mais estrita das

¹⁷ Michael Lowy (2000) diz em seu texto "Barbárie e modernidade no século XX": "Pode-se definir como propriamente moderna a barbárie que apresenta as seguintes características:

- Utilização de meios técnicos modernos. Industrialização do homicídio. Exterminação em massa graças às tecnologias científicas de ponta.
- Impessoalidade do massacre. Populações inteiras – homens e mulheres, crianças e idosos – são "eliminados", com o menor contacto pessoal possível entre quem toma a decisão e as vítimas.
- Gestão burocrática, administrativa, eficaz, planificada, "racional" (em termos instrumentais) dos actos bárbaros.
- Ideologia legitimadora do tipo moderno: "biológica", "higiênica", "científica" (e não religiosa ou tradicionalista).
- Todos os crimes contra a humanidade, genocídios e massacres do século XX não são modernos no mesmo grau: o genocídio dos armênios em 1915, o levado a cabo por Pol Pot no Camboja, o dos tutsis no Ruanda, etc., associam, cada um deles de uma maneira específica, traços modernos e traços arcaicos."

emoções e - a partir de determinado estágio - um autocontrole ainda maior” (ELIAS, 1990, p. 256). Estas modificações têm como consequência o efeito “civilizador”.

Esse parece ser o preço da civilização, em que o corpo deve alcançar um autocontrole cada vez maior para melhor se adequar às funções no tecido social. O pensamento racional que faz o intelecto prevalecer sobre o físico e, a divisão do trabalho, interferindo nas relações entre as pessoas, nos faz perceber que na verdade o corpo parece ter recebido uma influência marcante do “pensamento civilizador”, que é absorvido de formas diversas por sociedades e grupos distintos, contudo, preservando uma certa lógica, apoiada nos princípios de produtividade e eficiência, observando sempre o progresso da civilização. SALLES FILHO, [19--]

Essa integração refletiu no comportamento das multidões, tornando-os assim, mais ordeiros e pacíficos já que houve a difusão das classes baixas com os padrões mais “civilizados”. Os sindicatos garantiam direitos dos trabalhadores sem que estes tivessem que enfrentar armas e policiamento. Com salários e condições melhores, institucionaliza-se o confronto entre classe, o que faz decrescer o índice de violência nas ruas e, também, estádios. A emancipação da mulher atraiu o homem mais para a família e para dentro de casa, reduzindo a “tendência *macho*¹⁸ da época” e aumentando o controle dos pais sobre seus filhos.

Passado a Segunda Guerra Mundial, os conflitos aumentam tanto internamente no país quanto entre nações. Este é o período da Guerra Fria, em que o mundo encontra-se dividido em dois grandes blocos: o bloco socialista e capitalista. O conflito entre nações era reflexo de uma disputa pela hegemonia mundial, o que fazia despertar sentimentos patrióticos que desencadeariam a violência. Já internamente, o conflito era consequência do aumento das diferenças sociais. A concentração de riqueza estava, cada vez mais, com uma pequena parte da população e a outra parte, a maioria, ficava mais pobre a cada dia. Esse problema desencadeou um aumento no nível de violência, seja nas ruas, lares ou estádios. É a partir deste momento que, com a ajuda da imprensa através da divulgação de notícias sobre a violência no futebol, o jovem do sexo masculino passa a frequentar mais o estádio e, segundo o sociólogo Maurício Murad, é a partir

¹⁸Termo retirado do livro “A Busca da Excitação” de Norbet Elias, CAP IX, pág – 382, em que Eric Dunning se refere ao modo de pensar a masculinidade da época em questão.

da década de 70 que começamos a identificá-la, conforme relatado nos trechos a seguirem:

Historicamente, as torcidas organizadas violentas surgiram na década de setenta, no auge da ditadura militar. Em especial entre 1969 e 1973, nasceram as 'organizadas' ('uniformizadas' em São Paulo), que, hoje, atemorizam o país. Fundadas na conjuntura superior do Estado neofascista, implantado no Brasil a partir de 1964, sua gênese foi demarcada pela ideologia da violência política, definidora do período 'AI-5 – Médici'. Alimentadas por uma visão de mundo intolerante e excludente, de fundamento antidemocrático, sua prática não poderia ser outra, que esta acumulada em sua experiência contemporânea: a competitividade selvagem, o antagonismo opressor, a invasão territorial e a eliminação das diferenças pelo uso da força.

A mudança de comportamento das 'organizadas' levou de dez a quinze anos desde sua gestação, até sua presença nas páginas policiais. De carnavalizadas passaram a ser militarizadas, seguindo as doutrinas e os padrões do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade. Estas torcidas, em decorrência, foram se estruturando em 'pelotões', 'destacamentos', 'esquadrões', 'tropas-de-choque', 'comandos', 'exércitos', 'famílias'... sim, família, mas no sentido mafioso do conceito. Além disto, seus líderes são chamados 'capitães', 'tenentes', 'sargentos'. Seus símbolos são militares, como também o são suas relações de poder, hierarquia interna e coesão grupal. (MURAD, 1996)

No período em que as cenas de violência ainda não eram comuns nos estádios, a imprensa costumava tratar com certo repúdio do assunto conforme mostram alguns trechos de manchetes¹⁹ internacionais e nacionais da época:

E o grande inimigo do Brasil, na Copa de 1970, vai ser mesmo a violência. "Atacante que pensar em invadir uma área em jogada isolada está arriscado a cair morto" (...)²⁰

(...) os romenos mostram uma particularidade do seu jogo que até agora vinha sendo mantida em segredo: a violência.²¹

(...) os juizes devem marcar tudo, nem uma leve cotovelada pode passar impunemente, pois os árbitros estão instruídos para não permitir o jogo desleal ou a violência de qualquer maneira.²²

A violência foi tão desenfreada que o lateral Forlan, do São Paulo, para o gáudio da torcida adversária chegou a aplicar um pontapé no pontapé direita.²³

¹⁹ As manchetes completas estão anexas no final desta produção acadêmica.

²⁰ Acervo da Revista Veja, Edição 60. Veiculada em 29 de outubro de 1969, p.66.

²¹ Acervo da Revista Veja, Edição 92. Veiculada em 10 de junho de 1970, p.64, Caderno da Copa.

²² Acervo da Revista Veja, Edição 93. Veiculada em 17 de junho de 1970, p.51, Caderno da Copa.

²³ Acervo da Revista Veja, Edição 286. Veiculada em 27 de fevereiro de 1974 p. 58.

Porém, a partir do momento em que este setor vê nestas cenas uma forma de comercialização e lucro, tudo muda. Os meios de comunicação começam a tratar deste assunto de forma sensacionalista, atraindo, cada vez mais, jovens para dentro deste combate.

(...) inevitavelmente, o esporte na mídia é sempre mediado pelos olhares interessados dos diversos meios (...). De fato, o esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão (...) (BETTI, 2002).

É claro que este não é um fato que interferiu sozinho e, sim, em um conjunto de várias transformações. Podemos citar o fato dos pais terem se afastados da educação dos filhos, para trabalharem fora, o aumento da competição entre os times, aumento da competição entre os jogadores pela disputa do título de craque e, pela transformação do futebol em esporte espetáculo. Com tudo isso o estádio passa a ser anunciado como o ambiente que, além do futebol, é cenário de incidentes cada vez mais violentos.

Os fatos narrados pela imprensa de maneira exagerada em conjunto com as transformações sociais e políticas contribuíram com o desenvolvimento do terrorismo no futebol na sociedade contemporânea. “A imprensa deveria ser trabalhada de forma a entender os conflitos e problemas das equipes, bem como ser entendida pelos espectadores, e não reforçar o clima de rivalidade entre os grupos” (THOMAS, 1991).

A violência no futebol, conforme vimos até o momento, pode ser desencadeada por diversos fatores: psicológicos, históricos, sociais, econômicos e políticos, bem como pela ênfase dos meios de comunicação para as cenas de caos. No entanto, merece ser observada por outros ângulos cada vez mais policialescos ou midiáticos, para evitar que seja utilizada, apenas como cenário de espetáculo e banalização humana (DaMatta, 1982).

Escrevendo na virada do século XIX, um humorista inglês vislumbrou que, por volta de 1950, uma realidade bastante singular controlaria o universo do futebol (...):

O campo de futebol deverá ser cercado por toda a volta com telas de arame ou barras de ferro (...) [quanto ao juiz] este usará um casaco à prova de balas, tendo a sua disposição um automóvel ou máquina de voar. Todos os clubes deverão, antes de qualquer jogo começar, colocar no seguro a vida do juiz.

Exageros à parte, as pernósticas impressões do humorista não eram meras alucinações futuristas (...) (AGOSTINO, 2002, p. 234).

4.0 FESTA E GUERRA

Estudos internacionais chamam a atenção para o fato de que a violência no futebol não pode ser desvinculada do contexto social, do tipo de inserção que as diferentes classes sociais têm na sociedade, dos padrões de socialização prevalentes dos valores e das normas em relação à agressividade e violência que predominam na sociedade, do grau de pacificação (monopólio da violência) existente, do padrão de relações dentro das comunidades e das identidades sociais que se desenvolvem (Dunning et al, 1992).

Sendo um produto da sociedade industrial, o futebol moderno reproduz, por seu lado, a imagem desta mesma sociedade, com o seu tipo de funcionamento, com as suas crises e contradições e também com os seus sonhos e esperanças. É indiscutível que o futebol tem uma capacidade impressionante para nos manifestar a sociedade onde funciona, os seus valores e os seus sonhos mais profundos e até a lógica daqueles que nos governam. Poderíamos mesmo falar, não somente de uma “análise social do futebol”, mas até da possibilidade de, partindo deste desporto, chegar a uma teoria da sociedade. Penso que é possível chegar à construção de uma “Sociologia” a partir da análise deste jogo desportivo. (COSTA, [20--])

O futebol, com sua natureza competitiva, faz despertar a violência e a agressividade em campo por meio de “representações de luta”. É como se pudéssemos imaginar um grande campo de batalha e, de cada lado desse campo, concentram-se os guerreiros. A luta é para dominar ou manter um território. Num primeiro momento os rivais não estão misturados, cada qual encontra-se junto ao seu grupo, porém, ao soar do apito, eles se misturam e a batalha começa. Uma disputa de “territórios” encenada com uma bola no pé, isso é futebol, segundo Costa:

Tudo no futebol manifesta a sua natureza simbólica. Podemos começar pela sua estrutura espaço-temporal, pelo cenário onde ele se desenrola. Os Estádios são lugares altamente significativos e vistos, actualmente, como símbolos da importância e da grandeza de um país. Antigamente construíam-se grandes catedrais e estas exprimiam a grandeza das nações. Hoje é pelos seus estádios que, muitas vezes, se mede a grandeza de um povo.

Um jogo de futebol é tratado e vivido como uma verdadeira guerra simbólica e, a linguagem desportiva utiliza amplamente o registro bélico no seu funcionamento. Sendo assim, enquanto fenómeno social, o futebol funciona bem como a imagem da sociedade e, enquanto fenómeno simbólico representa igualmente o funcionamento desta mesma sociedade e fala-nos da natureza do homem que aí encontra o cenário para a realização do drama da sua existência (COSTA, [20--]).

Como em qualquer batalha, sempre, todos querem vencer, mas, para isso, encontrarão a resistência do oponente. É lógico que, diferente de uma disputa

armada, as regras são claras ao proibir a violência, mas, ao disputar um jogo, os ânimos se exaltam tanto entre jogadores quanto dos torcedores. Essa violência (em campo ou arquibancada) não é expressa apenas pela luta corpo a corpo ou arremesso de projéteis, mas também, pela violência verbal caracterizada pelo uso de palavrões e coros que ameaçam o adversário. O duelo em campo, muitas vezes, ultrapassa o limite do esporte e se torna violento marcado por incidentes de impulsividade é, quase, como se voltássemos aquele tempo em que a inteligência emocional prevalecia sobre a inteligência racional. A citação a seguir, mesmo se referindo aos hooligans²⁴, fenômeno vivido na Inglaterra sem ligação com grupos brasileiros que como semelhança apresentam, apenas, a violência, é fortemente vivenciada no cenário brasileiro:

(...) podem tomar a forma de uma luta corpo a corpo apenas entre dois adeptos rivais ou entre centenas de fãs de cada lado. Por vezes usam-se armas – navalhas de ponta e mola e navalhas *Stanley*, que se dissimulam com facilidade, sendo as favoritas na fase atual – nos incidentes mais sérios. Os confrontos de *hooligans* do futebol podem também assumir a forma de lançamento pelo ar, usando-se como munições projéteis que se classificam desde artigos inofensivos, como amendoins, pedaços de casca de laranja, caroços de maçãs e copos de papel, até outros potencialmente mortais, como dardos, discos de metal, moedas, cadeiras partidas, tijolos, placas de cimento, esferas de rolamentos, fogos de artifício, bombas de fumo e, como aconteceu em uma ou duas ocasiões, garrafas de petróleo. (DUNNING et al, 1992: 358).

Numa disputa de bola jogadores se e torcedores digladiam, ultrapassando os limites do campo levando a rivalidade às arquibancadas e ruas. A torcida, presente no cenário das cidades, “parece uma ameaça à consecução integral do processo civilizador a que as elites aspiram e têm como projeto na vida das grandes cidades” (HOLLANDA, 2004). A violência expressa por estas categorias não é apenas física, mas, também “moral” e...

Esta dramatização encontra-se principalmente nas grandes competições de futebol realizadas por eliminatórias, onde só pode haver um vencedor final e onde o segundo é o primeiro dos vencidos. Os Mundiais de futebol e os Grandes Torneios Internacionais estão cheios de combates dramáticos, verdadeiras reproduções actuais dos míticos combates dos heróis das origens. (COSTA, [20--]).

²⁴Grupo de torcedores da Inglaterra, conhecido mundialmente pela agressividade e violência nos espetáculos de futebol.

Jocimar Daolio (2005) faz uma analogia do futebol com briga de galos, comparação interessante, pois ao pensarmos sobre esta simbologia podemos dizer que o futebol e seus espectadores representam, em campo, os galos e nas arquibancadas os apostadores. Realidade preocupante que urgentemente precisa de ação eficaz das autoridades para combate destes “rituais de guerra e rinhas de galo”.

É inegável a existência da violência na realidade do esporte em todo o mundo, bem como do futebol. Cada vez mais os acontecimentos se tornam mais conflitantes com os, então, códigos sociais conturbando mais o convívio social. “Essas ocorrências negativas fazem crescer a cobrança da sociedade com relação às autoridades, principalmente em dias de grandes jogos de futebol, momentos em que o número de atos ilícitos se multiplica, dentro e fora dos estádios” (DIAS NETTO; OLIVEIRA JUNIOR; BARROS, 2009). A seguir, algumas notícias sobre violência para ilustrar a citação dos autores:

Dois corintianos são baleados em confronto de torcidas²⁵

De acordo com a PM, confronto envolveu 400 pessoas, com 28 detidas e três com porte ilegal de arma

SÃO PAULO - Dois torcedores do Corinthians foram baleados em uma briga com torcedores do São Paulo na noite de domingo, no Largo do Paissandú, Centro de São Paulo. Conforme informações da Polícia Militar, o confronto envolveu 400 pessoas. No total, 28 foram detidas e três devem responder por porte ilegal de arma. O caso foi encaminhado ao 3.º Distrito Policial (Campos Elísios).

Por volta das 21 horas, torcedores do Corinthians que iam do Pacaembu, onde o time enfrentou o Cruzeiro, para a zona leste, se encontraram com os torcedores do São Paulo no Largo do Paissandú. O time do Morumbi havia jogado pouco antes contra o Santos, na Vila Belmiro. Neste momento, teve início o confronto.

Roberto Silva Júnior, de 19 anos, foi socorrido em estado grave. Ele foi atingido nas costas e a bala ficou alojada na parte da frente do abdome. Baleado no braço direito, Leandro Honorato da Silva, de 25 anos, não corre risco de morte. Os dois torcedores estão internados na Santa Casa. (CANTO, 2009)

²⁵ Reportagem veiculada no dia 26 de outubro de 2009 pelo Jornal Agência do Estado.

Domingos quebra perna de companheiro e é afastado do Santos²⁶

Zagueiro divide bola com violência e causa fratura no goleiro Rafael; Luxemburgo diz que ele não joga mais

SANTOS - O zagueiro Domingos não joga mais no Santos sob o comando de Vanderlei Luxemburgo. Pouco antes de começar o coletivo desta quinta-feira, o treinador convocou os jogadores para comunicar que o zagueiro foi afastado e colocado à disposição da diretoria.

Para o comandante santista, ele foi violento e levantou demais o pé ao dividir a bola com o jovem goleiro Rafael, de 18 anos, que teve a perna direita fraturada no lance perigoso, durante o treino tático de quarta-feira. Luxemburgo inclusive lembrou que chamou a atenção de Domingos em um treino em Belo Horizonte, antes do jogo contra o Cruzeiro, pedindo para que ele evitasse entradas mais pesadas. Após Rafael sofrer a fratura e ser levado a um hospital para ser operado, o técnico comentou que não era a primeira vez que o zagueiro agia com imprudência.

"Fui dar carrinho para alcançar a bola e batemos canela contra canela", explicou Domingos, que ficou surpreso ao ser informado que está fora do Campeonato Brasileiro. Minutos antes, ele estava uniformizado em campo para treinar e ao ouvir a decisão do treinador, trocou de roupa e foi embora arrasado (FILHO, 2009).

4.1 VIOLÊNCIA ENTRE TORCEDORES

Por quê o torcedor é capaz de matar outro? Sigmund Freud chamaria de narcisismo das pequenas diferenças. Também podíamos chamá-lo de teoria do inimigo mais próximo. O futebol, temos que admitir, é um eficaz caldo de cultivo da lógica tribal. E das lógicas intertribais. Às múltiplas possibilidades de representação da guerra, há, de fato, uma margem muito estreita (Walter Vargas, in Agostini 2002 p. 233).

A violência praticada pelos grupos de torcedores é parte do cenário dos centros urbanos nas sociedades, em específico na sociedade brasileira contemporânea, consequência de mudanças estruturais, políticas, cultural da nova configuração e códigos sociais. Não podemos, no entanto, atribuir a violência nas torcidas, exclusivamente, às questões sociais ou fatores econômicos, pois uma torcida é composta por uma rica miscigenação de hábitos, culturas, costumes, ou seja, por pessoas diferentes.

O recorte dessa reflexão se faz necessário, pois pretende-se buscar uma melhor compreensão de nosso tempo social, rompendo com visões reduzidas, conservadoras ou meramente estatísticas sobre o tema violência, bem como indicar apontamentos às modificações sentidas no cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros que (re)ordenam o comportamento dos

²⁶ Reportagem veiculada no dia 10 de setembro de 2009 pelo Jornal Agência do Estado.

grupos de jovens, em face das transformações políticas, econômicas e socioculturais em curso (PIMENTA, 2000).

O confronto entre torcidas/torcedores não está desvinculada da realidade político e econômico das relações individuais da sociedade brasileira. Assim como, está relacionada ao confronto em clássicos, ou seja, relacionado aos aspectos e socioculturais de uma cidade, estado. Para Roberto DaMatta (1982) o futebol propicia à massa popular a experiência de igualdade e de justiça social.

Isso realmente ocorre quando olhamos num estádio em que todos estão ali por um mesmo ideal e um único desejo: ver seu time vencer. Independente de sexo, religião, cor idade, escolaridade ou posição social: a única coisa imperdoável é pertencer à torcida rival. (BONIN, 2008)

O futebol sendo um esporte de massa deixa de ser uma arte, espetáculo de graça e beleza aos olhos para tornar-se cenário comparável a um campo de batalha onde o responsável pelos atos violentos é o próprio homem (BONIN, 2008). Essa exaltação da multidão carrega, ainda, “aquela tendência *macho*”²⁷, que expressa antigos conceitos sobre o homem e sua masculinidade. Para um grupo que conduz este tipo de evento é sinal de covardia fugir da luta e sinal de coragem enfrentar o adversário a ponta pés. A “tendência *macho*” é expressa no trecho a seguir:

“O torcedor foi jogado no canto da sala e impiedosamente surrado por dez homens. Com vontade eles distribuíram socos na cabeça e nas costas do rapaz (...). Ao contrário do que possa imaginar não era uma briga entre rivais (...). Tratava-se apenas de mais um ‘Batismo’ na sede da ‘Mancha Verde’ (...). Pouco depois o amigo da ‘Mancha’ exibia orgulhoso as marcas da tortura, mostrando que tinha passado pela prova de fogo (...).”²⁸

A violência entre torcedores, bem como, sua associação às torcidas organizadas, estão diretamente relacionados com a construção de uma identidade individual e coletiva e:

Tão urbano é o fenômeno que faz parte do cenário o andar em bando, vestindo a camisa do time, diferenciando-se do todo e construir para si e para o grupo uma nova forma de sociabilidade e de identidade. (BAUDRILLARD, 1992, p.88).

²⁷Termo citado neste trabalho, pág 6 que foi retirado do livro “A Busca da Excitação”, CAP IX, pág – 382, em que Eric Dunning se refere ao modo de pensar a masculinidade da época em questão.

²⁸Trecho retirado do livro “Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação – Aspectos da construção das novas relações”, CAP 3, pág 76 – Carlos Alberto Pimenta Máximo.

Ao mesmo tempo em que o torcedor começa a perder a identidade ele começa a aumentar seu nível de agressividade. De acordo com Reis (2003) o jovem com problemas, de diversas origens, excluído da escola e de um sistema de atendimento público de qualidade, identifica-se com outros excluídos, que encontram nas torcidas organizadas um interlocutor para extravasar seus anseios. Este simbolismo presente no esporte pode ser um fator determinante para as ações de violência dos torcedores, que não tem apenas origens sociais, mas é também orgânico imanente ao esporte, Pilz (1999). No mais, também é uma resposta aos problemas do cotidiano.

A participação de torcedores em jogos, como busca de identidade, não se limita, no entanto, somente a violência física. Há ainda a violência verbal, xingamentos e confrontos de hinos que exprimem caráter de vingança, ameaça, vanglórias sobre vitórias passadas e “castração²⁹ do oponente”. Estas manifestações, quando agressivas, não são dirigidas somente às torcidas, mas também aos jogadores, árbitros e a polícia. Como exemplo a seguir, mostraremos alguns hinos que são manifestados contra a polícia:

*“Sou da ‘Gaviões’ eu sou... eu sou...
Vou dar porrada eu vou... eu vou...
e ninguém vai me segurar.”³⁰*

*“E passa areia e passa cal na ‘bunda’ da Federal
e passa tinta e passa creme na ‘bunda’ da P.M.
e passa suvinil na bunda da civil.”³¹*

*“Morumbi ela arrebenta, Pacaembu ela destrói,
e no rio arregaça qualquer um que ela encontra;
não tenho medo de morrer; e dou porrada pra valer;
eu amo essa torcida e o nome dela vou dizer;
como é que é, como é que é;
Ga-vi-ões, Fiel;
Timão é, ô; Timão é, ô.”³²*

“A música é um cartão de visita das 'Torcidas Organizadas', cada qual pretendendo ser mais 'fudida', a mais 'temida', dentro e fora dos campos de jogo... A

²⁹Termo utilizado por Eric Dunning no livro “A Busca da Excitação”, CAP IX. – “Para além da violência, a castração simbólica dos fãs rivais é outro tema freqüente nas bancadas...”

³⁰Hino retirado do livro “Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação”- Carlos Alberto Máximo Pimenta.

³¹Hino retirado do livro “Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação”- Carlos Alberto Máximo Pimenta.

³²Hino retirado do livro “Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação - Aspectos na construção das novas relações sociais”, CAP 4, pág – 102 - Carlos Alberto Máximo Pimenta.

rivalidade e a violência não são esporádicas no relacionamento desses grupos, são constantes, o que possibilita dizer que todas, sem exceção, têm um caráter belicoso e agressivo” (Pimenta, 2000). Apesar de ser uma violência, esta não é a forma mais preocupante da mesma, e sim, aquela que utiliza o “combate armado e da luta corporal”³³.

A violência, verbal e física, traduziu-se em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento de jovens em torno das “torcidas organizadas”. À medida que os números estatísticos e os atos de agressividade aumentavam, proporcionalmente, cresciam a procura e a filiação ao movimento (PIMENTA, 2000).

E de acordo com dados da Polícia Militar do Paraná:

Dados levantados junto ao Sistema de Controle Operacional da Polícia Militar do Paraná (SISCOPE/PMPR), os quais mostram que no dia do jogo de futebol, entre o Coritiba F. C. e o C. Atlético Paranaense, jogo considerado clássico da cidade de Curitiba, ocorrido no dia 17 de outubro de 1999, houve um aumento de 30% (trinta por cento) no índice de ocorrência, quando comparado com outros clássicos envolvendo as equipes da capital. (...) O que parece tornar a violência mais perigosa junto a estes jovens é que a definição da identidade social implica uma separação rígida entre eles e os outros. Essa diferenciação rígida é o primeiro passo para a desumanização do outro e para que o outro se transforme no inimigo. O inimigo ameaça sua própria integridade física, a mera presença dele sugere a impossibilidade de convivência. A separação entre “nós” e “eles” se transforma em “nós” *versus* “eles”. (DIAS NETTO; OLIVEIRA JUNIOR; BARROS, 2009).

A violência entre torcedores faz parte de uma construção das identidades individual e coletiva, bem como, da associação de jovens em torcidas organizadas também relacionados à construção de uma identidade (Reis, 2003). Este processo de formação de identidade social entre jovens, de alguma forma, sofreu e sofre interferência dos conflitos econômicos e, conseqüentemente, estimula os grupos a se expressarem através da negação do outro e da violência prazerosa entre os grupos rivais.

Geralmente, a luta “real” acontece quando duas torcidas se encontram ou quando, em grupos, os torcedores saem correndo pela cidade a procura de rivais e acabam depredando carros, ônibus e outros bens, sejam particulares ou públicos. A citação a seguir trata dos *Hooligans*, caso vivenciando, mais fortemente, na

³³De acordo com Renato Godoy de Toledo (2009): Desde 2004, cerca de 40 torcedores foram assassinados por questões ligadas ao futebol. Essa violência motivada por desavenças entre torcedores rivais tende a ser tratada cada vez mais como caso de polícia.

Inglaterra, mas, podemos relacioná-la ao cenário brasileiro em se tratando do nível de violência:

[...] tão logo um torcedor chegava, perambulava por ali, normalmente acompanhado por um amigo, berrando ou colidindo periodicamente com coisas ou juntando sua voz a uma canção. Em seguida, um companheiro era localizado e ambos se cumprimentavam. O cumprimento acontecia por meio de uma troca de ruídos sonoros e incompreensíveis. Pouco depois, eles localizavam outro companheiro (mais barulho) e outro (mais barulho), até finalmente haver gente o bastante – cinco, seis, por vezes dez – para formar um círculo. [...] (Buford, 1992: 47-48).

A situação se agrava quando a polícia militar, representante estatal e detentora do monopólio da violência, age com hostilidade transformando “a grande final de campeonato” em um verdadeiro campo de guerra.

Ao irmos ao encontro dessa realidade, da violência praticada por torcedores de futebol no Brasil, poderemos observar esses “rituais” antes dos importantes jogos, quando as Torcidas Organizadas reúnem-se em suas sedes e, cantando seus hinos e gritos de guerras, vão em direção aos locais dos jogos (estádios), onde continuam seus cantos, apreciando o “espetáculo”. Os rituais desses grupos levam a maioria de seus integrantes a fazerem o uso de drogas (ilegais ou não), além de promoverem durante os deslocamentos, atos ilícitos, buscando a auto-afirmação do grupo; atos estes comprovados pelos diversos Boletins de Ocorrências (BO) registrados pela Polícia Militar.

Tanto entre torcidas quanto intra, o contato corporal (luta) é encarado como um ritual de exaltação a masculinidade e, sua presença, parece quase indispensável em um jogo. Neste cenário de jogo, futebol, estádio, as pessoas extravasam seus sentimentos e descarregam as tensões acumuladas da rotina diária. O estádio favorece o aparecimento de agressividade e violência através deste afrouxamento do autocontrole e das condutas sociais. Como um esporte popular, no entanto, “as expressões de violência não podem ser compreendidas pelo viés econômico, pois o futebol deve ser entendido por um contexto mais amplo” (PIMENTA, 1997).

Três aspectos se convergem para justificar e explicar a violência entre “torcidas”: a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. (PIMENTA, 2000)

Para entender o modo de violência coletiva, é necessário levar em conta a identidade social dos participantes do evento. Compreender a identidade social exige entender “o contexto social dessa identificação, as raízes sociais dessa identidade, as normas que norteiam o comportamento dos membros da comunidade” (DIAS NETTO; OLIVEIRA JUNIOR; BARROS, 2009).

(...) há um universo de argumentos e todos não são desprezáveis do ponto de vista da análise empírica. No entanto, os argumentos utilizados pelos “torcedores” e “autoridades esportivas” são insuficientes para aflorar aprofundamentos ao entendimento dessa modalidade de violência. O que se arrisca, por derradeiro, dizer é que a violência caracterizou-se como parte intensa nas dimensões do cotidiano urbano contemporâneo, em especial dos grandes centros, sendo que uma pista importante, diante da intolerância da “comunidade” esportiva e das “autoridades públicas” ao movimento de “torcidas organizadas”, cinge-se na indicação de que a repressão (policial, legal, etc.) contribui para manter uma “suposta ordem”, porém, contribui, também, no deslocamento dessa massa jovem para outros movimentos de busca de prazer e de excitação (PIMENTA, 2000).

4.2 CAUSAS DA VIOLÊNCIA

“Como pode ser bárbaro um povo que tem como maior abstração de triunfo o grito de gol?”

Carlos Drummond de Andrade

Quando tratamos da violência em campo logo nos vêm à cabeça cenas de combates entre torcedores, as torcidas organizadas, os *hooligans* ingleses, vandalismo, depredação de patrimônio público, lances e faltas violentas, acessos de raiva em jogo, partidas acirradas, entre muitos outros episódios que têm como protagonistas o caos e a violência. De acordo com Maurício Murad (2007), a presença da violência física é fácil de ser identificada, pois

As manifestações de agressividade entre os torcedores, em primeiro lugar e, logo a seguir, entre os atletas, formam a dimensão do fenômeno da violência no futebol, que tem mais vitrine na mídia e, pelo acento que lhe é dado, deixa a impressão de ser maior e mais grave do que em realidade o é (*ibid.*, p. 34).

Como afirmado anteriormente, não podemos esquecer do contexto social em que a violência está inserida e ao refletirmos sobre o assunto, antes levantarmos hipóteses baseadas em achismo, deve-se promover um comparativo de violência na mesma sociedade. De acordo com esta prerrogativa, Murad afirma que “(...) mesmo

quando as práticas de violência são inquietantes, elas são inferiores quantitativa e qualitativamente às ocorridas no âmbito geral da sociedade”. (*ibid.*, p. 66).

Segundo Heloísa Reis “(...) a violência tem início a partir da idéia equívoca de que esporte é espaço de legitimação da masculinidade”.

No futebol sempre esteve presente uma certa dose de violência, tanto no terreno de jogo como entre torcedores. O futebol foi criado sob valores de masculinidade, valores exacerbados de virilidade, força de sobrepujança. Porém, isso teve início na segunda metade do século XIX no continente europeu, precisamente na Inglaterra (*ibid.*, p.14).

Para a autora, o argumento de que a violência sempre esteve ligada ao futebol não deve servir de conformação ou mesmo de aceitação que sua presença é inevitável. Devemos, no entanto, tomar consciência de que as causas são mais complexas (abrange as questões econômicas, sociais, corrupção nos clubes, impunidade em relação aos que praticam atos violentos e desigualdade social) e demandam tempo e medidas na busca de sua solução.

Para Pimenta (1997) o estádio de futebol é um ambiente grupal que favorece o aparecimento das atitudes agressivas e violentas, conforme afirmativa a seguir:

Dentro de uma praça desportiva, as regras sociais se afrouxam propiciando momentos de transgressões não permitidas nas relações grupais fora do campo do jogo, surgindo, então, as trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo. Desde que o futebol existe, até na sua ancestralidade, a agressividade está presente. Na história do futebol brasileiro, indistintamente de ele ser amador ou profissional, temos inúmeras passagens que atestam a presença de momentos de violência, não só dentro de campo entre jogadores, mas também entre jogadores (*ibid.*, p. 53).

O descontrolado das emoções desencadeado pelas “atividades miméticas, no qual se constituem os jogos de futebol, oferece a possibilidade de expressão de condutas em campo que diferem das práticas sociais fora dos estádios por parte de jogadores, torcedores e, também dos árbitros” (BOSCHILIA, 2008). A violência é uma tendência mundial do futebol do espetáculo, visto que muitos buscam a excitação de jogos para interromper a monotonia do cotidiano.

Há alguns fatores que contribuem com o surgimento da violência e podemos classificá-los em: longo período de derrotas, comportamento dos jogadores em campo, ação da polícia militar. REIS (2006) acrescenta alguns pontos além dos citados: a existência de grupos fanáticos (identificação simbólica), as decisões dos

árbitros, declarações de jogadores/treinadores/dirigentes, notícias esportivas, os bolsões de marginalização social econômica, a infra-estrutura inadequada dos estádios, a falta de controle policial, a não aplicação de normas no esporte, o consumo de bebidas alcoólicas, massificação dos estádios, a falta de educação social para o esporte; o sistema de venda de ingressos, a forma de entrada nos estádios, e o pânico. Todos estes fatores fazem parte dos problemas na organização do espetáculo de futebol no Brasil e no mundo.

Para Heloísa Reis “corrupção, descaso com a infra-estrutura e especialmente a impunidade são alguns dos fatores que fazem as arenas brasileiras uma terra de ninguém e o estádio como uma mini-sociedade, um reflexo do país.” Fatos como o senso de impunidade e de injustiça estimulam os atos violentos, incluindo manifestações esportivas. Franco Júnior (2007) conclui que:

À violência social estimulada pela impunidade de políticos corresponde a violência futebolística alimentada pela impunidade dos (ir)responsáveis pelo futebol. Constatação importante se levarmos em conta um dado geral pouco considerado porque politicamente incorreto, embora essencial – ao lado dos fatores sociais, econômicos e psicológicos do fenômeno, a violência das torcidas decorre da própria essência do futebol. O simples fato de ele ser jogado por meio de pontapés na bola já traz em si certa agressividade, inexistente no trato manual dado à bola no basquete ou no vôlei (*ibid.*, p. 198).

O choque na disputa, o combate simbólico e a exaltação da torcida são fatores para que o futebol seja um ambiente agressivo. Para CLAEYS (1986) in TAVERNA (1995), o comportamento agressivo no esporte tem várias raízes, podendo classificá-las em: genética, psicológica, aspectos sociais, econômicos, políticos, jogadores na equipe, espetacularização da mídia, expectativa dos envolvidos. Podemos, ainda, incluir a mercantilização de atletas, dopagem, mídia enfatizando a violência, necessidade da vitória como outros fatores que contribuem com a violência. Para TAVERNA (1995), a violência no âmbito do futebol desenvolve-se a partir de quatro grupos: jogadores, treinadores, árbitros e torcidas.

Não podemos deixar de expor que, no âmbito da torcida, “(...) os atos de violência ou má conduta nos estádios de futebol não são praticados, majoritariamente, por pessoas pobres e analfabetas, como sugere o clichê ou estereótipos sociais, mas por pessoas da classe média e com educação formal e até profissionais de nível superior” (SOUZA, 20[--]).

A profissionalização do futebol é outro motivo que desperta emoções agressivas, pois jogadores se encaram como rivais e jogam como inimigos. “O atleta que recebe a agressão involuntariamente pensa nas vantagens e momentos de represália que terá no decorrer da competição e esse fato pode tornar-se mais agravante quando o agressor continua com provocações e não sofre nenhuma punição” (BALBINO; MIOTTO; SANTOS, 1997). Podemos ainda, a partir do mesmo referencial dizer que:

As provocações e insultos dos espectadores dificilmente atingirão os jogadores que possuem alto nível técnico, alto nível de aprendizagem preparo psíquico. Para os atletas que estão em estágio inicial de aprendizagem os insultos e provocações podem repercutir de maneira prejudicial em seu desempenho (BALBINO, MIOTTO, SANTOS in MACHADO, 1997).

Há diversos agentes externos que podem ser positivos ou negativos ao atleta dependendo de seu controle emocional e experiência, os quais variam de indivíduo para indivíduo. Além disso, como esporte mais difundido e com maior número de adeptos, o futebol gera um ambiente propício ao alívio das tensões, seja por parte da torcida, seja por parte do jogador que, a partir das emoções, paixões, sentimentos, frustrações, busca pela vitória, glorificação, pode fazer com que o homem utilize a agressividade para extravasar a tensão do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O excesso de violência vem transformando qualitativamente nossa visão da sociedade e do futebol que, como esporte fundamental ao povo brasileiro, e como um amálgama de nossa identidade, qualquer distorção do nosso ponto de vista, causada, justamente, pela violência pode desencadear, a médio e longo prazo, resultados catastróficos.

Ficamos orgulhosos com a universalidade do futebol, perplexos diante da banalidade da violência; e embasbacados frente à tamanha sinergia entre o futebol e violência. A violência é praticada pelos jogadores; técnicos, dirigentes, da dita "rivalidade" entre as torcidas; da mídia, quando une, entre outras coisas, futebol e ufanismo³⁴, violência *lato sensu*: física, simbólica, ideológica, entre outros.

O esvaziamento dos estádios, por exemplo, tem como grande causador a violência e, como referência, nos basearemos na notícia a seguir:

Botafogo contabiliza prejuízos após derrota no clássico³⁵

RIO - O Botafogo contabilizou prejuízos por causa do clássico com o Flamengo, no Engenhão, neste domingo. E não se trata apenas da derrota por 1 a 0, que levou o time de volta à zona de rebaixamento, na 18.ª colocação do Campeonato Brasileiro, com 32 pontos. O público de 25.192 pagantes gerou uma renda de R\$ 656.242,00, muito menor do que seria angariado caso a partida fosse realizada no Maracanã. Além disso, assentos foram quebrados pela torcida rubro-negra e alguns banheiros avariados. Os custos dos atos de vandalismo ainda não foram definidos.

"Uma empresa está avaliando os prejuízos para termos o valor exato", disse o presidente do Botafogo, Maurício Assumpção. "Depois vamos tomar as medidas que o departamento jurídico indicar."

A violência fora do estádio e os cambistas podem ser a razão pela qual o público presente foi inferior ao pagante. Apenas 22.727 torcedores compareceram ao Engenhão. "Alguns ingressos ficaram na mão de cambistas. Além disso, os torcedores que se envolveram em confrontos com a polícia foram impedidos de entrar. Isso explica essa diferença", argumentou Renato Blaute, diretor executivo e financeiro do Botafogo.

³⁴O adjetivo *ufano* provém da língua espanhola e significa a vanglória de um grupo arrogando a si méritos extraordinários. Portanto, no caso do Brasil, pode-se afirmar que o ufanismo é a atitude ou posição tomada por determinados grupos que enaltecem o potencial brasileiro, suas belezas naturais, riquezas e potenciais. Na verdade os ufanistas acabavam por extrapolar ao se vangloriar desmedidamente das riquezas brasileiras, muitas vezes expondo a si e ao país uma situação que seria interpretada por outros como jactância, bazófia e vaidade.

³⁵Reportagem veiculada no dia 26 de outubro de 2009 pelo Jornal Agência do Estado.

Como o clube tem um seguro que cobre gastos de até R\$ 100 mil com a depredação do estádio, a diretoria botafoguense não deve acionar os rubro-negros, como ocorreu quando a torcida do Fluminense provocou grande quebra-quebra no Engenhão (Agência Estado, 2009).

Talvez estejamos vivenciando “uma situação limite, ultrapassando uma fronteira que separa, algumas vezes de forma indistinta, a normalidade do patológico. Se a violência desnaturar de vez o futebol, tenham certeza de que o imaginário brasileiro vai mudar” (PERRUSI, 2009). O mesmo autor vai mais longe ao afirma que:

Compreender a violência como um fenômeno externo ao campo futebolístico possui outra dificuldade: independentemente de ser intrínseca ou extrínseca, a violência sempre existiu no futebol desde as suas origens. Por exemplo: se as origens do fut remontam à Idade Média, o jogo praticado, até então, era tão violento que, em 1314, o rei inglês Eduardo II proibiu seu exercício; na Inglaterra elisabetana, o futebol, uma espécie de “*base football player*”, era visto como um jogo vil, conforme afirma o duque de Kent no Rei Lear de Shakespeare; la soule, versão francesa do jogo de bola, era tão violenta que os reis Felipe V e Carlos V tiveram que proibi-la em 1319 e 1369, respectivamente. Assim, os exemplos históricos são numerosos e eloqüentes (vários nos séculos XIX e XX), relacionando sempre futebol e violência. O futebol, historicamente, não parece um campo pacífico invadido externamente pela violência alheia, mas sim um esporte que possui a sua própria violência. (ibid., 2009)

Para Daolio, se considerarmos a violência inerente ao futebol, então, bastaria extingui-lo para solucionar o problema, o que considera uma visão simplista. Outro olhar julga que existe violência no futebol por causa de alguns “marginais” que freqüentam os estádios. Caminhando no mesmo sentindo, então, bastaria prendê-los ou, ainda, como aconselha parte da mídia, afirma Daolio (2005) e, cobrar ingressos mais caros, já que “marginal” é pobre e pobre não pode pagar. Isto é preconceito. “Não podemos descolar o futebol da sociedade brasileira, pois o futebol é parte dela e como tal devem ser considerados os fatores que têm gerado a violência nos espetáculos futebolísticos” (DAOLIO, 2005).

REFÊRENCIAS

- A força dos europeus.** Edição 60. Revista Veja. Outubro de 1969, p.66.
- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer; futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: FAPERJ – Mauad, 2002.
- Alegrias de um futebol-festa.** Edição 64. Revista Veja. Novembro de 1969, p.48-49.
- ANDRADE, Carlos Drummond de In: PERRUSI, Artur. **Notas sobre Futebol e Violência – I.** 2009. Disponível em: <http://www.torcedorcoral.com>.
- Ataque à CBD.** Edição 286, Revista Veja. Fevereiro de 1974 p. 58.
- BALBINO, Fernando; MIOTTO, Alexandre; Santos, Ronaldo. **A agressividade no esporte.** In: Machado, Afonso A. Psicologia do Esporte – Temas Emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997.
- BARBOSA, Sérgio Servulo Ribeiro. **Esporte e Emoção: contribuições da teoria de Norbert Elias para compreensão desses fenômenos.** 20[--].
- BARROSO, Mario Luiz C.; VELHO, Nivia Marcia; FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. **A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: REVISÃO SÓCIO-PSICOLÓGICA.** Rev. Bras. Cine. Des. Hum., 2005.
- BATISTA, Angelina. **A violência: ensaio acerca do “homo violens”.** Interface (Botucatu), v. 3, nº 5, 1999.
- BAUDRILLARD; Jean. **A transparência do mal; ensaio sobre fenômenos extremos.** Campinas: Papirus, 1992.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A TEORIA DOS PROCESSOS DE CIVILIZAÇÃO E O CONTROLE DAS EMOÇÕES.** Revista Conexões, v. 6, 2001.
- BETTI, Mauro. **Esporte na Mídia ou esporte da Mídia?** Motrivivência, 2002.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas, SP: Papirus, 1998.
- _____. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo.** Ijuí: Unijuí, 1997.
- BONIN, Ana Paula Cabral. **Violência e Futebol: reflexões sobre a sociedade e sua relação com o esporte identidade nacional.** Curitiba: Monografia: UFPR, 2008.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSCHILIA, Bruno. **Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas**. Curitiba: Dissertação de Mestrado: UFPR, 2008.

BUFFORD, Bill. **Entre Vândalos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CAGIGAL, José Maria. **Deporte y agresion**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

CANTO, Daniela do. **Dois corintianos são baleados em confronto de torcidas**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CLAEYS, U. In: TAVERNA, Márcia Siqueira. **Violência no Futebol: causas e medidas**. Curitiba, 1995.

COSTA, Antônio da Silva. **DO FUTEBOL A UMA NOVA IMAGEM DO HOMEM E DA SOCIEDADE**. Disponível em: <http://www.lusofilia.eu/CESPCEO/Artigo-32.htm>

DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do “homo violens”**. Trad. de Pilar Ferreira de Carvalho e Carmem de Carvalho Ferreira, Rio de Janeiro, DEFEZ, 1998.

DAHLBERG; Linda L.; Elienne G. Krug. **Violência: um problema global de saúde pública**. Ciênc. saúde coletiva, v.11, Rio de Janeiro, 2006.

DA MATTA, Roberto (org.). 1982. **Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke.

DAÓLIO, Jocimar In: GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol, ídolos e heróis**. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2007.

_____. In: NETTO, Carmo Gallo. **O futebol como fenômeno social**. Jornal da Unicamp, Edição 295, agosto, 2005.

_____. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

DIAS NETTO, Alfredo Euclides; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de; BARROS, Solange Barbosa de Moraes. **A violência no futebol a luz da teoria eliasana**. Revista Digital, Buenos Aires, 2009

DUNNING, Eric. **Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London: Routledge, 1999.

_____. **Sport in the Western civilizing process**. In: Symposium in the sport in the civilizing process and violence in the football. Campinas: Faculdade de Educação Física/UNICAMP, setembro de 1996. (Anais)

_____. In: BOSCHILLIA, Bruno. **Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas**. Curitiba: Dissertação de Mestrado: UFPR, 2008.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaio: 1: Estado, processo, opinião pública**/Norbert Elias; organização e apresentação, Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort; tradução textos em inglês, Sérgio Benevides; textos em alemão, Antonio Carlos dos Santos; textos em holandês. João Carlos Pijnappel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **TECHNIZATION AND CIVILIZATION**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Campus Ponta Grossa - Paraná – Brasil, v. 02, n. 02, 2006. Tradução Regina Negri Pagani (UTFPT/UEPG).

_____. **Envolvimento e Distanciamento**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990 2v.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993 2v.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos**. (Silva MMA, trad.). In Elias N, Dunning E, organizadores. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel; 1992. p. 257-278.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **Regras do Jogo 2007/2008**. Tradução CBF. Rio de Janeiro: 2007.

FILHO, Sanches. **Domingos quebra perna de companheiro e é afastado do Santos**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>.

FRANCO, Junior. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALTUNG, J. "Gewalt". In: WULF, Ch. Vom Menschen. **Handbuch Historische Anthropologie**. Weinheim u. Basel, Beltz, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**, trad, de Raul Fiker. São Paulo, Editora Unesp, 1991, p. 69-70.

GIL, A. C., 1994, **Como elaborar projetos de pesquisas**, Editora Atlas S. A., São Paulo

GIULIANOTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: nova Alexandria, 2002.

GOMES, Luiz Claudio Gonçalves; Gomes, Nelly, Fabiola Padilla. **A VIOLÊNCIA VIRTUAL, A REAL, E O INSUPORTÁVEL “BRILHO SALVADOR”**. Vértices, nº 1, 2002.

GONÇALVES, Lucia C. **Violência Moral e/ou Psicológica**. Consulta no dia 24 de agosto de 2009 a página da web: <http://www.mundofilosofico.com.br>.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. 1999.

HOLDEN, Science, 2000 In: LIMA, Gênis Brito Alves. **Psicologia da violência**. Cuiabá, novembro, 2007.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A festa e a guerra: uma história social das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1983)**. Projeto de Doutorado, Rio de Janeiro, 2004.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JUNG, GG. **OS ARQUÉTIPOS E O INCOSCIENTE COLETIVO**. Petrópolis: Vozes 2002, 2º edição.

KANT, Immanuel In: ANDRADE FILHO, Francisco Antônio. **Tópicos de lógica nos clássicos da Filosofia**. Disponível em: <http://www.orecado.org>, 2009.

KRUG, E. G. et al. (Org.). **World report on violence and health (Relatório Mundial de Violência e Saúde)**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LIRA, Pablo In: LIRA, Pablo. **ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CRIMINALIZADA**. II Congresso CONSAD de Gestão Pública – Painel 62: Gestão em segurança pública. Espírito Santo, 20[--].

LOWY, Michael. **Barbárie e modernidade no século XX**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/col/lowy.htm>; 2000. Acesso em outubro de 2009.

MELOSSI, D. (1992) **El estado del control social**. México, Siglo XXI.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência: Um Velho-Novo Desafio para a Atenção à Saúde**. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 29, nº 1, jan/abr, 2005.

MINAYO, M.C. de Souza. **A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, mai./jun., 2004.

MURAD, M. **“Futebol e violência no Brasil”**. In: MURAD, M. (et al.). Futebol: síntese da vida brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/ SR-3, 1996, p. 96 e 97.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007 *In* BOSCHILIA

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. E. G. Krug. Brasília: OMS/ Opas/ UNDP/ Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

Os juizes mudam o jogo. Edição 93, Revista Veja. Junho de 1970, p.51, Caderno da Copa.

PESQUISA DE MAPEAMENTO DA REDE DE ATENÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <http://www.noos.org.br/acervo.htm>

PERRUSI, Artur. **Notas sobre Futebol e Violência – I**. 2009. Disponível em: <http://www.torcedorcoral.com>.

PILZ, G. A. **Sociologia do esporte na Alemanha**. Revista do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica do Brasil, São Paulo, n. 23, p. 3-17, 1999.

_____. **Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol**. – Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – O Futebol como Meio para o processo de construção da cidadania. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **VIOLÊNCIA ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL**. São Paulo em Perspectiva, v. 14, São Paulo, abr./jun., 2000.

PINKER, S. **Tábula Rasa: a Negação Contemporânea da Natureza Humana** Companhia das Letras, 2004.

REIS, Heloisa Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

_____. **Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico** – Campinas, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural.** – São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 191.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional.** Revista Digital, Buenos Aires, 2003.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Justiça e da Segurança. **Comitê de estudos da violência: Impacto sobre a criança e o adolescente.** Porto Alegre, 1998. Disponível em URL: www.hcpa.ufrgs.br/psiq/viovalo.html. [acessado em 20 de outubro. 2009].

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Contribuições da teoria dos processos civilizadores para a construção da história do corpo.** 19[--].

SIMÕES, José Luís. **Processo Civilizador, Interdisciplinaridade e Controle de Violência.** 19[--]

SOUZA, Ailton Alfredo de. **Futebol, violência urbana e impunidade.** Disponível em: <http://www.tjpe.jus.br/index.asp>

TAVERNA, Márcia Siqueira. **Violência no Futebol: causas e medidas.** Curitiba, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol.** São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

TOLEDO, Renato Godoy de. **Pacote contra a violência no futebol: vigiar, punir apenas?** Disponível em: <http://blog.zequinhabarreto.org.br>. 2009.

_____. **Torcidas Organizadas de Futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

VARGAS, Walter In: AGOSTINI, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

Vitória pela ponta. Edição 92, Revista Veja. Junho/1970, p.64, Caderno da Copa.

Visita ao site: www.estadao.com.br, acesso em outubro/novembro de 2009.